



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS**

GABRIELA OLIVEIRA DE MOURA

**GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES NO BAIRRO DO IBURA, RECIFE: REFLEXÕES
SOBRE A IMPORTÂNCIA DE ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NAS
COMUNIDADES**

**Recife
2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

GABRIELA OLIVEIRA DE MOURA

**GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES NO BAIRRO DO IBURA, RECIFE: REFLEXÕES
SOBRE A IMPORTÂNCIA DE ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NAS
COMUNIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Filosofia e
Ciências Humanas, CFCH, da
Universidade Federal de Pernambuco,
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título Licenciatura de
Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Fredson Pereira da
Silva

**Recife
2025**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Moura, Gabriela Oliveira de.

Geografia das emoções no bairro do Ibura, Recife: Reflexões sobre a importância de espaços de sociabilidade nas comunidades / Gabriela Oliveira de Moura. - Recife, 2025.

70p. : il., tab.

Orientador(a): Fredson Pereira da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Licenciatura, 2025.

Inclui referências.

1. Geografia das emoções. 2. Sentimentos. 3. Memórias. 4. Espaços públicos de lazer. 5. Sociabilidade. I. Silva, Fredson Pereira da . (Orientação). II. Título.

910 CDD (22.ed.)

GABRIELA OLIVEIRA DE MOURA

**GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES NO BAIRRO DO IBURA, RECIFE: Reflexões
Sobre a Importância de Espaços de Sociabilidade nas Comunidades**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, Campus Recife, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovado em: 14 /04/ 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Fredson Pereira da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Dra. Ana Caroline Damasceno Souza de Sá (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Me. Débora Cristina Guedes (Examinador Externo)
Universidade de Pernambuco

Resumo

Nossas emoções são importantes e afetam a forma como nos sentimos e compreendemos o espaço. O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação entre os atores sociais e os espaços públicos de lazer com intuito de pensar nossa relação espacial a partir da questão emocional. O objetivo geral é pensar as emoções nos contextos sociais e culturais como questão central para a construção da espacialidade, ao ressignificar os espaços culturais e cotidianos da cidade mostrar a importância de ocupação dos espaços públicos como forma de se reconhecerem como indivíduos neles e, assim, preservá-los. A metodologia utilizada foi realizada através de uma pesquisa bibliográfica e pesquisa descritiva de campo com abordagem qualitativa. Por meio de uma entrevista semi-estruturada, com moradores do bairro do Ibura na cidade de Recife-PE. Os resultados revelam como as emoções e as memórias influenciam a percepção do bairro e a forma como os moradores se relacionam com ele, contribuindo para reflexões sobre o espaço urbano e suas transformações. Os diversos desafios urbanos se entrelaçam as emoções desencadeando reações negativas, mas ao construir novas perspectivas através da reivindicação dos espaços públicos é possível reconfigurar a percepção dos habitantes por novas memórias e emoções positivas.

Palavras-chave: Emoções; Memórias; Sentimentos; Sociabilidade; Atividades de lazer.

Abstract

Our emotions are important and affect the way we feel and understand space. This paper aims to analyze the relationship between social actors and public leisure spaces in order to think about our spatial relationship from the emotional perspective. The general objective is to think about emotions in social and cultural contexts as a central issue for the construction of spatiality, by redefining the cultural and everyday spaces of the city and showing the importance of occupying public spaces as a way of recognizing ourselves as individuals in them and, thus, preserving them. The methodology used was carried out through bibliographical research and descriptive field research with a qualitative approach. Through a semi-structured interview, with residents of the Ibura neighborhood in the city of Recife-PE. The results reveal how emotions and memories influence the perception of the neighborhood and the way residents relate to it, contributing to reflections on urban space and its transformations. The various urban challenges are intertwined with emotions, triggering negative reactions, but by building new perspectives through the reclaiming of public spaces, it is possible to reconfigure the perception of inhabitants through new memories and positive emotions.

Keywords: Emotions; Memories; Feelings; Sociability; Leisure activities.

Dedico esse trabalho a Deus e aos meus pais Lúcia e Jorge, pois sem eles eu não teria chegado aqui.

Por isso que os nossos velhos dizem: “Você não pode se esquecer de onde você é nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde vai” Isso não é importante só para a pessoa do indivíduo, é importante para o coletivo.”

Ailton Krenak

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Geomanta da comunidade da UR-1, no bairro do Ibura	34
Figura 2 - Mapa de localização do bairro do Ibura, Cohab, Recife - PE	42
Figura 3 - Mapa de localização dos parques urbanos do Recife	46
Figura 4 - Mapa das regiões político administrativas do Recife em relação a localização dos parques urbanos	47
Figura 5 - Mapa da variação de renda em relação à localização dos parques urbanos	48
Figura 6 - Mapa da desigual distribuição de praças públicas nos bairros presentes na RPA	50
Figura 7 - Praça e Academia da cidade, Ibura, UR-1	52
Figura 8 - Praça, Ibura, UR-1	52
Figura 9 - Praça e Academia da saúde, UR-5	52
Figura 10 - Centro Comunitário da Paz Paulo Freire (Compaz), localizado na UR-1 no bairro do Ibura	60
Figura 11 - Quadra do Buraco da Gata, localizado na comunidade de Três Carneiros Alto, no bairro do Ibura no Recife, depois de ações promovidas pelo programa Mais Vidas nos Morros da Prefeitura da Cidade do Recife	61

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Opinião dos moradores sobre a existências de Praças, Parque e Quadras no bairro do Ibura 51

Gráfico 2 - Opinião dos moradores sobre se foi possível perceber mudanças na questão de espaços destinados a lazer/esportes no bairro no decorrer dos anos 53

Gráfico 3 - Opinião dos moradores sobre a participação em atividades formativas, cultural ou de lazer/esporte no Ibura 60

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - Problemas identificados pelos inquiridos a partir das perguntas do questionário

57

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OBJETIVOS	14
3	METODOLOGIA	15
4.1	GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES	17
4.2	COMO AS EMOÇÕES FORAM EXPLORADAS NA GEOGRAFIA EMOCIONAL	21
5.1	ESPAÇO VIVENCIADO: LUGARES QUE DESPERTAM EMOÇÕES	24
5.2	O AMOR AO LUGAR	30
6.1	ESPAÇO PÚBLICO	34
6.2	SOCIABILIDADE URBANA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS	37
7.1	CONHECENDO O IBURA	41
7.2	DESIGUALDADE DO ESPAÇO URBANO RECIFENCE: ÁREAS DE LAZER	43
7.3	IMPACTOS NA PERCEPÇÃO ESPACIAL E AFETIVA DOS MORADORES DO IBURA	54
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
	REFERÊNCIAS	65

1. Introdução

As emoções são parte integral do nosso cotidiano, vivências e experiências. Etimologicamente, a palavra emoção deriva do latim "émovére," associada à ideia de movimento e ação. Nos dicionários de língua portuguesa, as emoções são descritas como sensibilização, perturbação dos sentimentos e reações afetivas intensas que envolvem alterações na respiração, circulação e secreções, além de efeitos mentais de excitação ou depressão. A discussão sobre emoções abrange diversas áreas do conhecimento, desde processos fisiológicos e biológicos até questões sociais e culturais, envolvendo cognição e comportamento (SILVA, 2019).

O estudo das emoções na Geografia tem ganhado uma atenção crescente, apesar de tradicionalmente ser mais focado em áreas como a Psicologia. Nas últimas duas décadas, debates sobre a Geografia das emoções abriram novas perspectivas, embora no Brasil o tema ainda seja pouco explorado. Através da Geografia das emoções, entende-se que a relação com o espaço deve ser pensada de forma sensível, considerando diversos fatores como as transformações no espaço habitado. As mudanças nos lugares cotidianos podem afetar tanto a geografia do lugar quanto às emoções das pessoas que nele vivem, pois as emoções são despertadas por elementos específicos do ambiente.

Em função disso, o tema desta pesquisa tem como aporte teórico à Geografia das Emoções no Iburá, Recife, em uma reflexão sobre a importância de espaços de sociabilidade nas comunidades. Passear pela cidade do Recife é adentrar um universo onde formas, cores, texturas, cheiros e sons se entrelaçam, é um ambiente que pode despertar emoções, sentimentos e afetos, através de múltiplas sensações e percepções.

Desse modo, a relação com o espaço pode ser manifestada de diversas maneiras, seja na forma visual, corpórea (pelo fato de nosso corpo ocupar um espaço) ou através de nossas emoções, que podem ser positivas ou negativas. Muitas dessas emoções são adquiridas através de experiências e vivências, que não ocorrem apenas em lugares específicos, mas também podem ser vividas e despertadas, por exemplo, em espaços públicos ou privados, dois conceitos discutidos por Gomes (2018).

Nessa perspectiva, é importante destacar que todas as ações humanas ocorrem em um espaço permeado por emoções, de modo que, não existe

nenhuma atividade humana que não esteja fundamentada e sustentada por elas (MATURANA, 2001). A vida urbana é caracterizada por meio do crescente interesse da sociedade em vivenciar o lazer, com isso a intenção de que novas possibilidades podem ser relevantes para o bem-estar físico, psicológico e emocional dos indivíduos (TAHARA; DIAS; SCHWARTZ, 2006).

Assim, esses espaços de sociabilidade se apresentam como um ambiente que possibilita diversas emoções através de vivências lúdicas, práticas de atividades físicas e interações sociais. Rechia e Beltrán (2010) destacam que os espaços de lazer nas cidades são locais de socialização urbana, fortalecimento de identidades culturais e promoção de relações multiculturais e integração social. De acordo com os autores, esses aspectos são essenciais para uma comunidade de convivência.

Todas essas características destacam o espaço vivido, definido pelas práticas espaciais cotidianas. Essas práticas, simultaneamente, estabelecem os lugares, conectam o local com o global e representam os espaços cotidianos comuns e os espaços privilegiados, influenciados por sua existência como símbolos positivos ou negativos. Com base nesse cenário, podemos avançar para o conceito de apropriação do espaço/lugar, que se refere à forma como ele é ocupado por objetos, atividades (usos), indivíduos, classes ou outros grupos sociais (LEFEBVRE, 1974).

Essa forma de apropriação do espaço/lugar está profundamente ligada às emoções e sentimentos que esse espaço/lugar evoca, e a maneira como essas emoções e sentimentos moldam os mapas cerebrais e as memórias dos seus habitantes/usuários (LIMA JÚNIOR, ZUANON, 2018).

A vista disso, se faz oportuna a realização de investigações que contribuam para refletir sobre a importância de espaços públicos de sociabilidade/lazer, além da influência que esses espaços proporcionam nas relações de sentimentos entre seus usuários. Mediante o exposto, o objeto de estudo busca explorar a geograficidade dos sentimentos no bairro do Ibura no Recife, bem como fazer uma análise reflexiva sobre a ligação das emoções com as experiências vividas no espaço geográfico.

2. Objetivos

Com aporte teórico trabalhado no âmbito das geografias emocionais, a presente pesquisa contará com as emoções, especialmente, de encontro com a Geografia das Emoções, buscando entender o espaço através da questão emocional.

Consequentemente, então, esta pesquisa tem por objetivo geral:

- (i) Fazer uma análise reflexiva sobre a ligação das emoções com as experiências vividas no espaço geográfico;
- (ii) Pensar as emoções nos contextos sociais e culturais como questão central para a construção da espacialidade, ao ressignificar os espaços culturais e cotidianos da cidade e mostrar a importância de ocupação dos espaços públicos.

Buscando assim uma maneira de se reconhecerem como indivíduos neles e, assim, preservá-los. Para alcançar esse objetivo geral busca-se como objetivos específicos:

- (i) Relacionar a Geografia das Emoções, a Memória afetiva e a Interseccionalidade;
- (ii) Identificar as relações afetivas com os lugares, apontar as emoções materializadas na subjetividade das memórias do espaço da cidade, da vivência e dos espaços públicos;
- (iii) Analisar a dimensão espacial das emoções nos espaços; (analisar as possíveis conexões emocionais que surgem com as experiências e modificações do espaço geográfico).

3. Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (2014), busca compreender fenômenos sociais a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, explorando significados, experiências e interpretações. Para isso, utilizamos o método de entrevistas semiestruturadas para compreender a percepção dos moradores do bairro do Ibura sobre sua realidade local. O estudo foi conduzido, contando com a participação de 11 moradores, selecionados de forma intencional, buscando diversidade de perfis em relação à idade, gênero e tempo de residência no bairro.

As entrevistas foram realizadas presencialmente e seguiram um roteiro predefinido com cinco perguntas fechadas:

1. Onde você mora há pontos adequados de sociabilidade, como praças/parques, quadras?
2. Você percebeu mudanças na questão de espaços destinados a lazer/esportes no bairro no decorrer dos anos?
3. Qual a primeira coisa que você pensa ao se falar no Ibura?
4. Quais os principais problemas relacionados à infraestrutura do Bairro?
5. Você já participou de alguma atividade formativa, cultural ou de lazer/esporte no Ibura?

e três perguntas abertas:

1. Ao se falar no Ibura, qual a primeira coisa que te vem à mente?
2. Na sua opinião, quais os principais problemas do Ibura?
3. Qual o Ibura que você gostaria?

A metodologia compreende três fases distintas: (a) preparação do material para a pesquisa de campo; (b) coleta de informações junto a 11 indivíduos, entre habitantes e usuários; (c) compilação, análise e sistematização dos dados coletados. A estrutura deste trabalho está organizada em 6 capítulos e a

conclusão.

Na primeira etapa (a) do trabalho, foi delimitado o recorte espacial da pesquisa, situado no bairro do Ibura na cidade do Recife. Nessa etapa também foram planejadas as estratégias para coletar os dados, como algumas entrevistas com os moradores, totalizando 11 respostas completas, com variações de gênero e idade.

Na segunda etapa (b) coleta de dados, um questionário foi aplicado durante dois meses de trabalho de campo, ao longo do período. A pesquisa estabeleceu um recorte espacial específico, conforme explicado anteriormente. Os entrevistados contam com uma variedade de indivíduos, etnias e gêneros que habitam a área do bairro. A faixa etária dos entrevistados varia entre 21 e 45 anos. As entrevistas foram realizadas através de uma abordagem direta aos residentes/habitantes do local.

A terceira etapa (c) fase de compilação e análise dos dados, inicialmente, consiste na compilação dos dados registrados nas entrevistas e nos questionários. Na sequência, a análise desse conjunto de dados compilados dedica-se à identificação: 1) dos espaços/lugares evocados das Memória, emoções e sentimentos: impactos na percepção espacial e afetiva do bairro Ibura; 2) de associações entre os espaços/lugares evocados e a emoção de medo e os sentimentos de risco e insegurança, expressos por estes participantes; 3) de possíveis correlações entre todos os depoimentos, as emoções e a intervenção na percepção e sentimento de pertença ao espaço. Por fim, os resultados quantitativos e qualitativos são sistematizados. Os resultados quantitativos, sistematizados em tabela, evidenciam a predominância temática das memórias evocadas pelos habitantes/usuários. Enquanto os resultados qualitativos discorrem sobre os principais problemas identificados neste espaço urbano e seus impactos na perspectiva dos habitantes/usuários do bairro do Ibura. As respostas foram registradas, com o consentimento prévio dos entrevistados, e posteriormente transcritas para análise. A técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011) foi empregada para identificar categorias temáticas emergentes a partir dos discursos dos entrevistados.

4.1 Geografia das emoções

A emoção é entendida como parte da construção do conhecimento e também de espacialidades significativas. Para Silva (2019), as emoções são inerentes ao ser humano, todos os seres humanos as experienciam em algum momento de suas vidas. Independentemente de onde vivem, de classe social, gênero, raça, etnia. E embora as características individuais e contextuais possam influenciar a maneira como as emoções são vivenciadas e expressadas elas estão sempre presentes em nossas vidas.

Como já foi mencionado antes, os afetos e as emoções têm se tornado cada vez mais um tema importante para pesquisa na geografia humana. Para refletirmos sobre a Geografia das Emoções, é necessário também esclarecer o que compreendemos por “emoções”, o que são as emoções e como elas são experienciadas.

As emoções podem ser analisadas a partir de um viés biológico, psicológico, de relações sociais, culturais e comportamentais, até mesmo com teorias evolutivas sobre a questão. Oatley e Jenkins (2002) discutem diversas perspectivas sobre as emoções, incluindo a visão biológica (explorada por Charles Darwin), a abordagem corporal (sugerida por William James) e a perspectiva psicoterapêutica (baseada nas contribuições de Sigmund Freud).

Em Darwin, temos a abordagem evolucionista das emoções em sua obra "The Expression of the Emotions in Man and Animals" (1872). De acordo com Keltner, Oatley e Jenkins (2013), antes desse período, a teoria predominante sobre as emoções era criacionista, sugerindo que Deus havia dotado a espécie humana com músculos faciais especiais para expressar sentimentos, limitados apenas aos humanos. No entanto, com o advento da teoria darwinista, baseada na evolução, Darwin investigou as emoções através de duas questões centrais: como as emoções são expressas em animais e humanos, e qual é a origem das emoções. Conforme Darwin, as expressões emocionais surgem de padrões de comportamento enraizados em nosso passado evolutivo ou experiências individuais, que em algum momento foram úteis, adquirindo um caráter adaptativo e relacionado ao ambiente. Desse modo, as emoções nos vinculam ao nosso passado e desempenham funções úteis que facilitam nossas interações sociais

(Keltner, Oatley e Jenkins, 2013).

A abordagem corporal de William James sobre as emoções, é fisiológica, pois ele se concentrou na natureza das experiências emocionais em termos de alterações fisiológicas. Em sua obra "The Principles of Psychology" (1890), James argumentou contra a concepção comum de que as emoções nos impedem de agir de alguma forma. Em vez disso, ele propôs que a emoção é a resposta fisiológica do nosso corpo quando nos deparamos com um evento que nos provoca excitação (Keltner, Oatley e Jenkins, 2013). Na interpretação de Oatley e Jenkins (2002, p. 26) sobre a teoria de James, os autores afirmam que "Uma emoção de medo é o facto de se sentir tremuras, correr, etc., a sensação das nossas respostas corporais àquilo que percebemos." Ou seja, quando sentimos palpitações cardíacas intensas e as pernas trêmulas, é precisamente quando estamos sujeitos aos efeitos das emoções e suas alterações fisiológicas.

Freud introduziu outro aspecto importante sobre as emoções ao sugerir que certos eventos traumáticos podem deixar cicatrizes que influenciam o resto de nossas vidas (Keltner, Oatley e Jenkins, 2013, p. 9). A partir dessa perspectiva, surgiu uma corrente na psicologia clínica que se dedicou ao estudo dessas emoções e eventos prejudiciais que podem levar a problemas e doenças mentais. Além disso, Freud foi o pioneiro no desenvolvimento de um método de psicoterapia conhecido como psicanálise, que, assim como Darwin, sugere que as emoções presentes podem ter suas raízes no passado do paciente (Keltner, Oatley e Jenkins, 2013).

Keltner, Oatley e Jenkins (2013) descrevem as emoções como estados ou processos psicológicos que motivam nossas preocupações ou expectativas em relação aos eventos ao nosso redor. As emoções são os impulsionadores que nos movem quando enfrentamos situações de perigo ou emergência. Nessa mesma linha de pensamento, Maturana (2002) argumenta que "[...] não é a razão que nos impulsiona à ação, mas sim a emoção." (p. 23). Para além das discussões científicas, as emoções são inerentes ao ser humano.

Todos nós as sentimos, independentemente de classe social, gênero, raça, etnia. E embora tais questões nos direcionem para diferentes vivências, experiências e percepções de mundo, as emoções sempre se mostram presentes porque fazem parte da condição humana. De fato, as emoções, o que fazemos com elas e o que elas significam é o que nos torna humanos (SILVA, 2019, p. 17).

As emoções desempenham um papel significativo na comunicação e na interação entre as pessoas. Elas funcionam como uma espécie de linguagem que molda e influencia os relacionamentos sociais. Isso significa que as emoções não apenas refletem o estado interno de uma pessoa, mas também moldam as interações sociais, criando padrões de comportamentos que afetam como as pessoas se relacionam umas com as outras. Os estados mentais conscientes, como crenças e desejos, são de caráter fundamental na formação e expressão das emoções e apresentam uma intencionalidade. Ou seja, são vistas como tendo um propósito específico ou uma razão subjacente para sua ocorrência (OATLEY; JENKINS, 2002).

Teixeira (1998) também vai afirmar que as emoções estão intimamente ligadas ao mundo exterior. Elas não estão restritas apenas à mente do sujeito, mas é uma resposta a eventos, objetos ou situações externas. A emoção, portanto, surge da interação entre o sujeito e o mundo ao seu redor. O autor afirma que:

Quando me emociono frente a alguma coisa, minha emoção dirige-se para o mundo, é consciência do mundo e nele se sustenta. O que me emociona está fora de mim, está no mundo, é uma coisa entre as coisas [...] (TEIXEIRA, 1998, p. 134).

Silva (2009) propõe pensar que nossas emoções constroem espacialidades, tendo o corpo um papel fundamental. Ela afirma que:

[...] Nossas emoções estão no beijo e no abraço da pessoa amada — quando pensamos que o corpo é também espaço, espaço da existência. No sorriso, ao ouvir o canto do pássaro sentado na praça onde se conheceu seu amor. Na mesa do bar em que se esteve pela última vez com seu companheiro. Ao andar pelas ruas de cidades históricas e sentir que, de algum modo, já se esteve ali, já se viveu aquele lugar, já se sentiu aquele lugar. [...] Nossas emoções não

estão nos lugares. Estão em nós. Nós damos sentido e significados para esses lugares, construímos nossas espacialidades com base nessas experiências emocionais e nas relações intersubjetivas. (SILVA, 2019, p. 19).

Keltner, Oatley e Jenkins (2013) também destacam que nossa interação e percepção do mundo começam com o corpo. O corpo é nosso campo de interação primário com o ambiente externo e é através dele que experimentamos e nos relacionamos com o mundo, e não podemos separar completamente o que percebemos e experimentamos do nosso corpo e da nossa consciência, pois ela é moldada e influenciada por nossas experiências e interações com o mundo ao nosso redor.

As expressões emocionais, segundo os autores, são descritas como estados ou processo psicológico que ocorrem em resposta a eventos ou situações específicas. Esses estados ou processos podem incluir sentimentos como alegria, tristeza, medo, raiva, entre outros (KELTNER; OATLEY; JENKINS, 2013). O corpo e a consciência, assim, agem sobre as coisas no mundo e organizam nosso entendimento e percepção delas. Essa interação com o mundo corrobora para a constituição do mundo ao nosso redor e das pessoas como parte desse mundo. (RAGASSI, 1998; FRANCISCO, 1998).

Ainda com Silva (2019), compreendemos que:

[...] as emoções fazem parte de um sistema simbólico, de significados e de valores que regem as interações dos sujeitos e dos grupos; que o corpo e as emoções são formas de pensar culturalmente e historicamente construídas; que as emoções fazem parte das trocas simbólicas e culturais; que os comportamentos e atitudes humanas são emocionais; e que são essencialmente interativas (SILVA, 2019, p. 30).

O Ragassi (1998) afirma que a emoção ocorre quando há dois elementos

basilares: um sujeito emocionado e um objeto emocionador. Assim, a emoção não só tem consciência desse objeto, mas como também se nutre dele. Portanto, a geografia das emoções possibilita pensar o objeto enquanto espaço/lugar, a emoção, então, é uma resposta a algo externo, que é percebido, interpretado e internalizado pelo sujeito.

Nesse viés, as emoções também possuem uma dimensão geográfica, uma vez que as emoções não podem ser separadas do corpo e conseqüentemente, do espaço. Assim, as emoções são construídas socialmente, bem como materializadas no corpo por meio de processos como o nosso agir e pensamento espacial, possibilitando a construção de espacialidades.

4.2 Como as emoções foram exploradas na geografia emocional?

Mesmo antes de sua consolidação como ciência, já era possível identificar aspectos subjetivos nas primeiras representações espaciais, como nos mapas cartográficos. Com sua formalização nos séculos XVIII e XIX, os geógrafos passaram a levantar questionamentos acerca da relação entre o ser humano e a natureza, os quais poderiam levar a uma interpretação subjetiva da condição humana e da ocupação dos espaços (Silva, 2019).

Entender a dimensão emocional na geografia representa um grande desafio. Frequentemente, essa área do conhecimento nos apresenta um cenário emocionalmente árido, um mundo desprovido de paixão, onde os espaços são organizados estritamente por princípios racionais e delineados conforme lógicas políticas, econômicas ou técnicas. Dessa forma, negligenciar as emoções é desconsiderar as interações que moldam as vidas e a sociedade. Todavia, em momentos e lugares específicos, as experiências humanas são permeadas por emoções como dor, luto, raiva, amor, entre outras, evidenciando que o poder das relações emocionais não pode ser subestimado. O mundo humano é moldado e experimentado por meio das emoções, e a falta de discussão sobre esse aspecto tem sido confrontada por meio de publicações, conferências e cursos recentes, destacando uma crítica àqueles que minimizam a importância das emoções no cenário "material" (ANDERSON; SMITH, 2001; BONDI et al., 2007).

A partir da década de 1970 e 1980 a Antropologia e a Sociologia das

emoções têm proposto o estudo sobre as emoções. Desde então, diversos trabalhos agora enfatizam o afetivo e emocional aspectos da vida pessoal e social, e a importância de considerar as emoções na compreensão das interações humanas com o espaço. Dessa forma, a partir dessa virada emocional, vai-se explorar como as emoções são construídas social e culturalmente, influenciando as percepções do espaço e das experiências urbanas. Assim, o campo da geografia emocional utilizando um arcabouço teórico e metodológico de correntes consolidadas da Geografia, como a Geografia Humanista, visa analisar as emoções como fenômenos espaciais, conectando-as com lugares e experiências da pessoas, destacando a necessidade de incorporar dimensões emocionais nas análises geográficas.

Liz Bondi em seu artigo de 2005, onde ela explora a abordagem das emoções dentro do campo das geografias emocionais, procura analisar as diferentes perspectivas teóricas e metodológicas que moldam esse campo de estudo. Bondi, assim, identifica três abordagens principais que precedem e influenciam a virada emocional: à geografia humanista, à geografia feminista e à geografia não representacional.

Na abordagem da Geografia humanista enfatiza-se a importância da experiência subjetiva e das narrativas pessoais na compreensão do espaço e lugar. As emoções são vistas como parte integrante da experiência humana do ambiente. Através de noções como o vida-mundo, os geógrafos humanistas foram capazes de enfatizar a capacidade dos lugares de evocar emoções como “[...] amor, ódio, prazer, orgulho, tristeza, raiva, culpa, remorso e assim por diante.” (Bondi 2005, 435).

Já na abordagem da Geografia feminista vai se destacar as relações de poder e as experiências das diferenças de gênero na construção do espaço geográfico. Aqui as emoções são examinadas à luz das desigualdades de gênero, inserindo uma dimensão mais política na disciplina ao destacarem as experiências das mulheres sobre o espaço e o lugar. A partir disso, as geógrafas feministas não apenas reconheceram as emoções e sentimentos vivenciados pelas mulheres em lugares específicos, mas também examinaram como essas emoções moldaram e limitaram suas experiências de gênero e sexo nos espaços (Rose, 1993).

O que a teoria não-representacional acrescenta a uma explicação das emoções é uma insistência no significado daquilo que não pode ser representado –

sejam essas representações textuais, linguísticas, visuais ou outras (Thrift 1996; Thrift; Dewsbury 2000). Ou seja, na Geografia não-representacional, vai-se além da ideia de que o espaço geográfico pode ser totalmente compreendido através de representações ou mapas. Em vez disso, enfoca as experiências corporais e sensoriais do espaço, incluindo as emoções que surgem dessas experiências.

Conforme Holzer (2016), outros intelectuais também já incluíram as questões afetivas em suas análises. O autor cita as contribuições de Alexander Von Humboldt, Anne Buttimer, Yi-Fu Tuan, Leonard Guelke, John Wright, Eric Dardel, David Lowenthal, Robert Sack, Edward Relph, David Ley e Marwyn Samuel, Jean Gallais, Denis Cosgrove, Armand Frémont, John Pickles, dentre outros autores, em especial do escopo da Geografia Cultural e Geografia Humanista.

De acordo com Furlanetto (2014, p. 79), “A geografia emocional refere-se à experiência emocional e à leitura sensível dos lugares, às sensações e aos sentimentos que integram as paisagens”, assim, reafirmando, portanto, a importância do sentimento como uma característica fundamental da experiência humana no espaço.

Pile (2010, p. 15) afirma que a geografia emocional:

Comumente se preocupa com as emoções que as pessoas sentem umas pelas outras e, mais amplamente, por lugares, por paisagens, por objetos nas paisagens e em situações específicas. Em tais estudos, as pessoas expressam emoções sobre algo. Essas emoções são tomadas como pessoais, ainda que muitas vezes haja uma tentativa de encaixar essas emoções expressadas em um contexto mais amplo de emoções. Mesmo assim, uma compreensão deste contexto mais amplo é frequentemente construída fora das emoções expressadas pelas pessoas. Então, comumente, o espaço entre as pessoas é uma experiência direta e baseada na transmissão/recepção de sentimentos implícitos ou explícitos (seja de outras pessoas ou de objetos, como paisagens) [...] (Pile 2010, p. 15).

Ao elencar determinadas emoções como o medo, a nostalgia, a saudade, a vergonha, a felicidade e outras emoções, apontam a essência espacial da experiência emocional, em que os espaços são singulares a depender da relação emocional que tecemos com tais espaços. Por exemplo, a mesma situação pode evocar diferentes emoções em pessoas diferentes, com base em sua história pessoal, cultura e contexto social. Nesse sentido, as emoções participam na nossa mediação com o espaço e, portanto, nos fazem criar determinadas espacialidades, que têm sentido e significado especialmente porque as criamos do ponto de vista emocional. Assim, é possível pensar uma abordagem geográfica que enfatize a transformação do espaço através das ações emocionais, delineada pela interação entre o sujeito, suas emoções e experiências.

5.1 Espaço vivenciado: lugares que despertam emoções

Muitos estudos em geografia humana focam em como as pessoas desenvolvem conexões emocionais com o lugar e o espaço. Assim, como disse Furlanetto, (2014, p. 65), “O espaço, anteriormente visto como homogêneo, adquire complexidade e passa a ser interpretado como espaço vivido”. Para Aranha e Martins (1992) o Homem é um ser de desejo e este reage afetivamente aos acontecimentos. E ainda, “Quando somos afetados não podemos evitar a resposta, seja ela de prazer, dor ou cólera” (Aranha; Martins, 1992, p.145). Assim, quando estamos em um dado espaço, não há uma escolha, é inevitável sermos influenciados por ele e reagirmos.

As pessoas se apegam aos lugares impulsionadas pelas emoções que despertam.

Para Silva (2019):

Em nossas experiências de vida, há lugares significativos em que as emoções ficam mais evidentes, seja pela relação que mantemos cotidianamente como a rua de casa, caminho até o trabalho, praça da cidade, mas também nas viagens que realizamos, em que vivenciamos momentaneamente os

lugares, mas que por um motivo ou outro, marcam nossa experiência com eles.” (SILVA, 2019, p.).

“O surgimento da ideia de espaço vivido se dá no final da década de 1960, em especial, com a Revolução de 1968 e com diferentes questionamentos na década seguinte [...]” (SILVA; GIL FILHO, 2020, p. 10). O espaço vivido é definido e construído diariamente por todas as pessoas, independentemente de seu conhecimento geográfico. As pessoas interpretam o mundo por meio de símbolos e imagens formadas tanto pelo consciente quanto pelo subconsciente.

Para Bollnow (2008), o conceito de espaço vivenciado coloca o ser humano no centro da discussão. O teórico descreve um sentimento espacial que emerge quando buscamos nos situar e nos relacionar com o espaço: "Trata-se de um certo caráter de humor, que permeia nossa relação com o espaço e que, como tal, deve ser diferenciado do colorido sentimental da relação com um objeto individual no espaço." (BOLLNOW, 2008 [1963], p. 292).

O autor afirma que “[...] o espaço vivenciado representa um todo, cuja articulação tem um sentido, desses locais e posições que, por si, são carregados de significado”. (BOLLNOW, 2008 [1963], p. 18). Por isso, o espaço vivenciado não é neutro nem constante, mas repleto de significados que variam conforme os diferentes lugares e regiões. Esses significados não decorrem apenas de sentimentos subjetivos atribuídos pelo ser humano ao espaço, mas são características autênticas do próprio espaço vivido (BOLLNOW, 2008 [1963]).

Assim, a existência humana possui uma espacialidade, pois a vida é composta de uma expressão espacial que “somente o é na referência a um espaço. Dizemos que ela necessita do espaço para nele se desdobrar” (BOLLNOW, 2008 [1963], p. 20).

Tanto o espaço vivenciado quanto as espacialidades são interpretados de forma subjetiva, considerando as percepções, visões de mundo e experiências dos sujeitos. O espaço é vivenciado e percebido em diversas intensidades e maneiras e dentro dessa diversidade, se compreendem as múltiplas identidades presentes no espaço, buscando-se superar os limites de um espaço neutro, apático e tecnicista, desprovido de emoções, assim como as identidades binárias simplistas. Deste modo, Relph (1979), em sua reflexão sobre o conceito de espaço vivido afirma:

De uma perspectiva fenomenológica, os espaços não são vazios abandonados aos quais se atribuem, por vezes, qualidades e significados, mas são os contextos necessários e significantes de todas as nossas ações e proezas. Então, o espaço não é euclidiano ou alguma outra superfície ou forma geométrica, na qual nos movimentamos e que percebemos como sendo separada de nós. “Nós não somente apreendemos espaço... através de nossos sentidos” argumenta Georges Matoré (1962:22-23), “mas vivemos nele, nele projetamos nossa personalidade e a ele somos ligados por limites emocionais. Espaço não é exatamente perceptual, sensorial ou representacional: ele é vivido.” (Relph, 1979, p. 8)

Desse modo, para Relph (1979), muitas maneiras como nos relacionamos com o espaço não podem ser entendidas apenas através da observação e medição, elas precisam ser vivenciadas em experiências que moldam nossa "geograficidade".

As experiências diárias que moldam nossa vida são recordadas através das histórias/memórias que criamos sobre nossos espaços vividos. Isso ocorre por meio de relações íntimas com o ambiente ao nosso redor. Quando esses espaços se tornam significativos por algum motivo, eles deixam de ser meros locais onde as coisas estão e passam a ser locais onde as coisas têm significado, tornando-se, assim, espaços significativos por si mesmos (SILVA, 2018, p.74).

Ainda na obra de Relph (1979, p. 16) ele afirma que: “Conhecemos o mundo pré-conscientemente através e a partir dos lugares nos quais vivemos e temos vivido, lugares que clamam nossas afeições e obrigações. [...] lugares são existenciais e uma fonte de autoconhecimento e de responsabilidade social”. Assim, segundo o autor o espaço geográfico apresenta múltiplas particularidades de formas, superfícies e cores, e que estamos imersos nesse mundo cultural

complexo por meio de nossos sentidos e movimentos - nós exploramos visualmente e fisicamente esse espaço, nos movemos dentro dele, ouvimos e cheiramos suas características. Além disso, interagimos com esse mundo por meio da linguagem e dos símbolos, que nos permitem encará-lo tanto de forma individual quanto intersubjetiva, experienciando-o de maneira espacial e temporal, de forma desapaixonada e emocionalmente envolvente.

Essa ideia de uma relação afetivamente ‘intensa’ com o espaço/lugar se origina na noção de ‘*topofilia*’, desenvolvida pelo geógrafo humanista Yi-Fu Tuan. O termo *Topofilia* usado pelo autor significa “Elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 1980). O afetivo é comumente mencionado juntamente com o simbólico, a relação entre as dimensões simbólica e afetiva é especialmente evidente nas abordagens idealistas e humanistas da geografia. Nesta perspectiva, o simbólico e o afetivo são considerados aspectos interligados da prática humana de atribuir ‘valores’ ao espaço. Bonnemaïson e Cambrézy afirmam que, “O poder do laço territorial revela que o espaço está investido de valores não apenas materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos” (HAESBAERT, 2004, p. 72).

Num olhar geográfico sobre a questão, nossas relações espaciais e sociais estão envolvidas por questões emocionais. Como vimos, nossas emoções constituem elementos essenciais da vida social e cultural, permeando nossas experiências mais pessoais e influenciando também nossas interações cotidianas. Essas interações são espacializadas, de modo que, existe uma dimensão espacial significativa em nossas experiências emocionais, que permite as trocas simbólicas e culturais. Tais interações [...] partem da percepção do sujeito, de suas visões de mundo e das experiências na realidade circundante para serem definidos. O sujeito é aquele que pensa, que ri, que chora, que sente medo, felicidade, alegria, vive seus lugares e dá significado a eles a partir do que acredita (SILVA, 2019, p.63).

Segundo Price (2013, p.120) “Espaço é, portanto, feito em lugar através da intervenção humana.” Ou seja, é possível dizer que o lugar emerge da interação humana com o que anteriormente era um espaço sem identidade, quando o ser humano intervém nesse espaço, atribuindo-lhe significado e tornando-o habitável o espaço se converte em lugar.

“Nas experiências de vida, há lugares significativos em que as emoções ficam mais evidentes, seja pela relação mantida cotidianamente – os espaços da vida –, mas também nas vivências momentâneas com e nos lugares” (SILVA; GIL

FILHO, 2020, p. 154). Ribeiro e Suess mencionam em seu trabalho que (2017, p.12) “[...] o lugar existe em diferentes escalas, que vai desde uma poltrona preferida até o planeta Terra, em seu todo”. Mello (2014, p.37) afirma que “Existir é ter um lugar”. Assim, há uma interdependência entre o sujeito e o lugar.

Tuan (2011), entende o lugar como algo que não é indiferente ou invisível aos nossos sentidos e sentimentos. Ou seja, os lugares fornecem um sentimento de pertencimento e identificação. O vínculo das pessoas com os lugares baseia-se através das emoções que lhes despertam, sejam positivas ou negativas, são elementos importantes de nossas vivências sociais e determinantes para se sentir parte de um determinado lugar. Damásio, 2004 (apud ZUANON et al. 2020, p. 8) relata em sua obra “[...] o papel das emoções, positivas ou negativas, bem como dos sentimentos que as seguem, como moduladores das memórias humanas e também como componentes obrigatórios das nossas experiências sociais”.

Para que um lugar desperte uma resposta emocional em alguém, é necessário que faça parte da trajetória de vida do sujeito e permaneça em sua memória, evocando sentimentos ao ser lembrado. O lugar precisa ter significado pessoal para ela, pois de outra forma, se for percebido apenas como um espaço sem importância, não terá impacto emocional significativo. Ou seja, o lugar nasce da experiência do homem com o espaço. Nesse sentido, Tuan (1980) diz que:

A experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização (TUAN, 1980, p.9).

Os lugares podem evocar tanto memórias felizes como experiências dolorosas. Tal qual, “As leituras emocionais que fazemos sobre um evento, bem como as emoções que são associadas a tal evento, potencializam a (re) criação e a ressignificação dos lugares” Silva; Marcílio (2020, p. 250). E assim, lugares e espaços preservam memórias, além de sensações provocadas por cores, sons e sabores. Esses estímulos nos conectam aos lugares e adicionam significado às nossas vidas. Como dito por Zuanon et al. (2020, p. 15 e 16):

A maior parte dos objetos que nos rodeiam são capazes de desencadear emoções: boas ou más, fortes ou fracas, conscientes ou inconscientes. Enquanto alguns “objetos são emocionalmente competentes” por razões evolucionárias, ou seja, trazem em si o potencial de evocar emoções e exercem um papel relevante na história do desenvolvimento humano, outros atuam como estímulos emocionais competentes ao longo das nossas experiências individuais. Por exemplo, uma experiência de medo intenso vivenciada em um espaço/local da infância, pode ser evocada no futuro, em retorno ao mesmo espaço/local, e desencadear mal-estar no indivíduo, sem qualquer motivo imediato e aparente para tal. Ou ainda, ser evocada em outro espaço/local semelhante àquele da infância (Zuanon et al. 2020, p. 15 e 16).

Mas como podemos entender quais lugares desencadeiam emoções boas e ruins? Silva (2019), em sua obra menciona que: “[...] o lugar de origem, onde nasceram e viveram parte de suas vidas; o lugar de deslocamento, onde se concentra parte da comunidade de origem deslocada; o lugar onde se encontram atualmente, em que há um vínculo de afetividade”. Para além disso, Bezerra da Silva; Maciel (2020) cita que: “O sentimento de lugar pode vir a existir tanto no nativo como no visitante, mesmo com as diferenças nas formas de perceber, lidar com o espaço e com as pessoas que sob este interagem”.

Com isso, percebemos que os momentos em que as emoções são despertadas, especialmente as de grande significado, ficam gravados em nossas memórias. E ao sermos afetados por um determinado lugar, atribuímos-lhes significado por meio de nomes, adjetivos e outros elementos. Dessa forma, esse lugar nos evocará sempre lembranças, sensações e sentimentos. A exemplo: a casa de infância, a praça da cidade, um cheiro específico que pode evocar lembranças boas e ruins, sentimento de alegria ou angústia. Assim, lembranças do presente ou do passado, vivido nos lugares podem originar emoções. “O significado do lugar na vida moderna está associado ao fato de que, como atores, somos

sempre situados no lugar e que os contextos de nossas ações contribuem para o nosso senso de identidade” (SILVA, 2018, p.75). Dessa forma, nossas vivências e apego ao espaço geográfico é o que constroi nossa identidade no lugar.

Assim, “As experiências cotidianas são construídas não só por aquilo que vemos, por sua dimensão material e concreta, mas também é animada pelas relações materiais e simbólicas, que nos conectam aos espaços e às relações que estabelecemos com os outros” (SILVA, 2020, p. 261).

5.2 O amor ao lugar

“Em nossas experiências de vida, há lugares significativos em que as emoções ficam mais evidentes, seja pela relação que mantemos cotidianamente (rua de casa, caminho até o trabalho, praça da cidade)” (SILVA, 2016, p. 27). Assim, construímos nossa biografia em um lugar, construída através das vivências e experiências dos sujeitos e da sociedade no espaço geográfico, desta forma estes lugares possuem para nós significado.

Como já citado antes, a geografia emocional acentua que os lugares têm um significado emocional para as pessoas e essas relações emocionais podem ser positivas ou negativas, produzindo emoções boas ou ruins. Com isso, emoções positivas como alegria, gratidão, amor, esperança, interesse e diversão, bem como emoções negativas como angústia, desespero, medo, nojo, raiva, tédio e tristeza, entre outras, podem surgir na relação com espaços e lugares. Assim, tudo o que acontece nesse espaço geográfico vivenciado por uma pessoa ou sociedade contribui para o despertar das emoções.

Isso ocorre porque, ao termos uma relação pessoal com um lugar e uma história construída nele, tudo nesse espaço adquire valores estabelecidos e organizados para nós. Por exemplo, aquela praça/rua onde brincamos na infância nos remete às memórias dos tempos de criança; lugares que costumávamos frequentar, a escola, a comunidade religiosa que nos evocam boas ou más lembranças, cada lugar tem um significado específico para nós. Dentro dessa variedade de significados, destaca-se o principal valor que o lugar tem para nós, ou seja, ao lembrarmos dele, prevalece o apego ou a rejeição que sentimos.

Na obra referida anteriormente, "*Topofilia*" escrita por Yi-Fu Tuan em 1974, ele explora como vemos, estruturamos e percebemos o ambiente em que vivemos, nossos ideais ambientais e os laços entre o meio ambiente e nossa visão de mundo. Tuan trabalha com o modo como o ser humano constroi um elo afetivo com o lugar, e discorre sobre os sentidos humanos e como, a partir deles, o ser humano reage ao ambiente habitado. O autor também reflete sobre como o ambiente influencia as crenças e valores dos indivíduos, levando-os a simbolizar o lugar onde vivem. Dessa forma, Tuan aborda frequentemente os temas de religião e cultura dentro da perspectiva do lugar, mostrando que o ser humano dá sentido ao lugar enquanto é afetado por ele de diversas maneiras (não apenas de forma positiva). Exemplos disso são encontrados quando Tuan fala sobre a percepção das montanhas: alguns povos antigos as viam como sagradas ou as associavam ao divino (Tuan, 1974, p.80), enquanto outros, como os romanos, as descreviam como distantes, hostis e desoladas (Tuan, 1974, p.81).

Tuan explica que o sentimento "*topofílico*" pelo lugar pode variar em intensidade e duração. Pode ser fugaz, como ao contemplar por um momento a beleza de um lugar; corporal, ao sentir o ar, o sol, a água; e mais permanente, como o apego a um lugar que consideramos nosso lar ou onde ganhamos a vida. Ele adverte que a topofilia não é o sentimento humano mais forte, mas quando se torna irresistível, "[...] podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo." (Tuan, 1974, p.107).

Assim como a autora Silva (2016, p.100) afirma: "[...] processos históricos e práticas culturais vão modificar nossa relação com o espaço. Num olhar geográfico [...] nossas relações espaciais e sociais estão envolvidas por questões emocionais". Entretanto, como vimos anteriormente, é importante destacar que, como afirma Tuan, um lugar que serve como cenário para acontecimentos emocionalmente intensos nem sempre gera emoções positivas; essas emoções podem ser negativas, levando uma pessoa a odiar determinado lugar em vez de amá-lo. Trata-se de um afeto negativo. Sobre isto, Halbwachs (2009) afirma que:

A sociedade exerce uma ação direta sobre os sentimentos e paixões e que os nossos estados afetivos se permitem,

naturalmente, desabrochar em um meio social que lhes seja adaptado. Assim, as emoções fariam parte de uma “disciplina social”, manifestando-se e mostrando-se apenas nas formas coletivas, comuns a todos os membros do grupo, porque modificam e trabalham a natureza mental do indivíduo profundamente, nos quadros da linguagem e do pensamento coletivo. Para o autor, a expressão das emoções e as emoções em si mesmas “se submetem aos hábitos, costumes e tradições e são por eles inspiradas graças a um conformismo, ao mesmo tempo, externo e interno. Amor, ódio, alegria, dor, temor, cólera, são abordagens provadas e manifestas conjuntamente, sob a forma de reações coletivas. É nos grupos que fazemos parte que aprendemos a exprimir, mas também a sentir estas emoções” (HALBWACHS, 2009, p. 218)

Dessa forma, podemos considerar que, assim como Tuan se refere a uma Topofilia irresistível por um lugar como “[...] veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou percebidos como um símbolo” (Tuan, 1974, p.107), podemos também compreender que, quando um lugar é palco de eventos intensamente negativos, ocorre o oposto da topofilia. O ódio por um lugar pode ser tão intenso quanto o amor por ele.

Sobre o alcance físico-espacial da topofilia, Tuan afirma que os seres humanos têm experiências íntimas com pequenas áreas, não com vastos territórios. Ele argumenta que a topofilia parece artificial quando aplicada a grandes territórios, afirmando que “[...] parece que a topofilia necessita de um tamanho compacto, reduzido às necessidades biológicas do homem e às capacidades limitadas dos sentidos” (Tuan, 1974, p.116). Portanto é necessário um convívio diário com um lugar para se construir uma relação profunda com ele, afinal, só podemos amar aquilo que convivemos e conhecemos.

Carlos (2007), em sua obra também comenta da necessidade de um limite espacial para estabelecer uma relação mais íntima e profunda com o lugar. Ele reflete sobre a impossibilidade de vivenciar a metrópole em sua totalidade,

afirmando:

Por outro lado a metrópole não é “lugar” ela só pode ser vivida parcialmente, o que nos remeteria à discussão do bairro como o espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas — as relações de vizinhança, o ir as compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar (CARLOS, 2007, p.18).

Assim, os sujeitos vivenciam as metrópoles e a natureza através de suas experiências, como conversas, encontros pessoais, interações sociais, caminhadas, ciclismo, nas praças, nas quadras e na contemplação de paisagens artificiais e naturais, entre outras atividades. Nesse sentido, o espaço de lazer é um ambiente que possibilita diferentes emoções através de vivências, práticas de atividades físicas e interações sociais.

Rechia e Beltrán (2013) destacam que os espaços de lazer urbanos são locais de socialização, fortalecimento de identidades culturais, e promoção de relações multiculturais e integração social. Segundo os autores, esses aspectos são essenciais para uma comunidade de convivência. Além disso, esses espaços podem fomentar laços emocionais entre seus frequentadores. Assim, nesses espaços, os sujeitos buscam experiências e ações que representam significados, emoções e valores em suas vidas, sejam elas positivas ou negativas.

Nesse viés, Silva (2019) cita que: “o espaço, além de “habitar”, “construir”, “cultivar”, “circular”, é condição necessária de toda a existência, de se assentar e se estabelecer, sendo que a relação vivida dos homens com os lugares faz deles, os homens, “gente do lugar”. Assim, o sentimento “topofílico” pelo lugar é construído através das vivências e experiências dos sujeitos.

Figura 1 - Geomanta da comunidade da UR-1, no bairro do Ibura



Fonte: Google Earth, (2025).

6.1 Espaço público

Ao ponderarmos sobre o tema dos espaços públicos, é quase instintivo associá-los imediatamente à sua dimensão política tradicional, conforme argumentado por teóricos clássicos como Hannah Arendt (2007) e Jurgen Habermas (1984). Contudo, é indiscutível reconhecer a polissêmica natureza da noção de espaço público. Através dos estudos realizados por geógrafos, como evidenciado por Lynn Staeheli e Don Mitchell (2007), torna-se rapidamente perceptível essa multiplicidade de significados. Esta característica apresenta tanto vantagens quanto desvantagens: por um lado, a vasta gama de fenômenos e significados vinculados ao conceito de espaço público transforma esse objeto de investigação científica em um tema de extrema complexidade, instigante e desafiador para os pesquisadores, ampliando significativamente as possibilidades empíricas e analíticas.

O espaço público brasileiro possui características distintas, resultantes de seu processo histórico de construção, que não podem ser ignoradas. Assim, a sociabilidade urbana tanto influencia quanto é influenciada ao longo desse contínuo

processo de significação e ressignificação do espaço público. O presente capítulo trata da necessidade de ocupação desses espaços públicos e sua influência na sociabilidade urbana.

Celson Ferrari (2004), em seu “Dicionário de Urbanismo”, define o espaço público como sinônimo de logradouro público e espaço comum, descrevendo-o como “[...] qualquer área urbanizada inalienável, sem edificação e destinada ao uso comum ou especial dos munícipes, como praças, parques, ruas, jardins, largos, etc.” (FERRARI, 2004, p. 219). Embora a definição fornecida por Ferrari seja abrangente, ela negligencia abordagens essenciais ao se tratar de espaço público, especialmente aquelas relacionadas à apropriação e à significação desses espaços.

Alguns autores buscam especificar os diferentes tipos de espaços públicos. A exemplo, Lamas (2004) distingue entre praças, ruas e largos. Segundo ele, a praça é “o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, das práticas sociais, das manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes” (LAMAS, 2004, p. 102). Isso contrasta com a rua, que seria “um lugar de circulação” (LAMAS, 2004, p. 100), ou com os largos e terreiros, que são definidos como “vazios ou alargamentos da estrutura urbana que, com o tempo, foram apropriados e utilizados” (LAMAS, 2004, p. 102). Essa diferença está também em outros estudos, como de Carneiro e Mesquita (2000), por exemplo, ao analisar os espaços livres em Recife, definem a praça como “espaços livres públicos, com função de convívio social, inseridos na malha urbana como elemento organizador da circulação e de amenização pública” (CARNEIRO; MESQUITA, 2000, p. 29).

Macedo et al. (s/d), em seu estudo sobre os sistemas de espaços livres, identificam os parques e praças como os espaços mais comuns e frequentemente demandados pelo poder público. Contudo, o estudo destaca uma variação significativa na manutenção desses espaços, que tende a deteriorar à medida que se distanciam dos bairros centrais ou de classes médias e altas. Isso revela que, embora o espaço público esteja presente no tecido urbano, sua distribuição não ocorre de maneira homogênea, assim como a relação entre as pessoas e esses espaços também não é uniforme.

No cenário atual, é inegável o processo de afastamento dos sujeitos dos espaços públicos, analisada aqui sob a perspectiva de dois processos que

enfraquecem essa relação: a mercantilização desses espaços e a influência da criminalidade e da sensação de insegurança na apropriação dos mesmos.

Tradicionalmente, o espaço público é conhecido como um local de encontro e diversidade, onde as pessoas se reúnem e interagem umas com as outras. No entanto, mediante o medo da violência nas ruas, há uma tendência crescente de abandono desses espaços em favor de áreas privadas, como condomínios fechados e shoppings centers. Esses espaços privados prometem oferecer benefícios como segurança, privacidade, lazer e status.

A dinâmica da apropriação das cidades atualmente, é influenciada diretamente pelo cenário urbano contemporâneo, e nesse contexto, as pessoas estão abandonando os espaços públicos, seja por medo da violência, seja pela substituição desses espaços de convivência pelos espaços privados - porque as crianças já não querem mais brincar na pracinha, querem ir ao shopping. "Os aparelhos de televisão (hoje os aparelhos celulares), por exemplo, têm substituído as cadeiras nas calçadas, da mesma forma que os videogames substituem outras formas de brincadeiras infantis [...]" (CARLOS, 1996, p.58- 59).

Mas, se as crianças já não brincam mais nos parquinhos, se os jovens já não conversam mais nas praças, se as pessoas já não vivem mais nas ruas da cidade, onde podemos conviver verdadeiramente com o outro, sem barreiras de diferenças?

Bauman (2009), ao citar Robert Castel (2003), argumenta que o individualismo moderno promove a desconfiança em relação aos outros, uma vez que antigas comunidades e corporações deram lugar ao "[...] dever individual de cuidar de si mesmo e de se autogerir [...]" (Bauman, 2009, p.14). Para o sociólogo, a supervalorização do indivíduo também foi acompanhada do reconhecimento de sua vulnerabilidade. Considerando essas ideias de Bauman, pode-se compreender que ao viver sob a máxima "cada um por si" em uma grande cidade, as pessoas experimentam um significativo sentimento de insegurança.

Ainda segundo Bauman (2001), o esvaziamento dos espaços públicos pode levar ao enfraquecimento do indivíduo como sujeito histórico autônomo, restringindo seus direitos, especialmente no que diz respeito à tomada de decisões. Bauman acredita que essa situação reflete a crescente fragilidade da esfera pública e a "perda" do domínio público: " [...] o espaço público está cada vez mais vazio de questões públicas. Ele deixa de desempenhar sua antiga função de lugar de

encontro e diálogo sobre problemas privados e questões públicas [...]". (BAUMAN, 2001, p.50).

De qualquer forma, o sentimento de insegurança parece ser uma característica dos moradores das grandes cidades na era da globalização.

6.2 Sociabilidade urbana nos espaços públicos

Este capítulo aborda a sociabilidade urbana, explorando alguns conceitos fundamentais e buscando compreender o termo de forma que permita sua conexão com a vida urbana. A sociabilidade urbana, conforme tratada neste capítulo, é um termo originado dos estudos iniciais de Georg Simmel. O conceito proposto por Simmel, junto com alguns de seus estudos anteriores e subsequentes releituras, é utilizado para entender a formação de uma "nova personalidade urbana", e consequentemente, essa mudança na relação das pessoas entre si e com o ambiente em que vivem.

Segundo Frúgoli Júnior (2007), o termo "Sociabilidade Urbana" foi inicialmente empregado pelo sociólogo alemão Georg Simmel, nascido em 1858 e falecido em 1918, cujos pensamentos e ideias estavam profundamente influenciados pela filosofia kantiana. Simmel observava e analisava a realidade social com ênfase nas interações que a constituíam ou dela provinham. Para ele, a sociedade não podia ser analisada apenas como uma coleção de indivíduos, mas como um conjunto de indivíduos em interação, tanto entre si quanto com o meio ambiente.

A linha de pensamento simmeliana se baseia em experiências e relações contemporâneas que se alinham com a efemeridade presente nos espaços públicos, como os "[...] vínculos fracos, o mal-entendido e o retraimento, e a superficialidade das trocas [...]" (JOSEPH, 2005, s/p). Essa perspectiva está em sintonia com o objeto de estudo que é a relação entre sociabilidade urbana e espaço público, oferecendo caminhos para possíveis respostas às diversas mudanças.

Para Simmel, "Os objetivos do espaço público são em geral de coletividade, e correspondem àqueles que o indivíduo deve apresentar para si mesmo como os mais fundamentalmente simples e primitivos." (SIMMEL, 2006, p. 41). Isso sugere

que, mesmo com a possibilidade de desvio dessa "condução pública", ela pode servir como uma orientação para as características gerais, atuando como um certo controle social ao disseminar valores comportamentais positivos sobre ética, respeito ao próximo e ao bem comum, e cidadania. Segundo o autor, "o indivíduo é pressionado de todos os lados por sentimentos, impulsos e pensamentos contraditórios", o que prejudica a tomada de decisões, a análise objetiva e o estabelecimento de metas. Em contraste, "As ações das sociedades teriam um propósito e uma objetividade muito mais definidos." (SIMMEL, 2006, p. 40). Assim, enquanto os indivíduos desfrutam de extrema liberdade em suas escolhas e decisões, os grupos sociais seguem certas orientações que, embora possam mudar, permanecem fieis e coerentes com seus próprios princípios.

Em quase todas as cidades do mundo, especialmente onde predominam regimes político-sociais republicanos e democráticos, os espaços públicos (como ruas, praças, largos, calçadas, parques, praias, jardins, esquinas, áreas centrais, alamedas etc.) concebe uma parte considerável do espaço urbano. Em divergência com os espaços privados, os logradouros públicos são espaços de encontro para os mais diversos estratos sociais e culturais. Nesses locais, as pessoas se reconhecem e se representam como indivíduos, grupos e cidadãos. Dessa forma, nos espaços públicos, as diferenças individuais e coletivas se manifestam (ou deveriam se manifestar) livremente, por meio da interação social de todos os que se reúnem. Essa reunião plural de indivíduos e grupos, onde todos possuem, a priori, interesses muito diversos, inevitavelmente gera conflitos e acordos. Além dos códigos normativos que regulamentam a vida de todos os cidadãos em todos os lugares, a vida cotidiana nesses espaços é permeada por aquilo que poderíamos chamar de um verdadeiro "debate político (Gomes, 2010 [2000]).

Segundo Georg Simmel, quando indivíduos ou um grupo se reúnem com o propósito explícito de interagir socialmente, ou seja, quando o encontro social em si se torna o conteúdo primordial de uma reunião de pessoas, estamos nos referindo a uma forma específica de interação social, denominada sociabilidade (Simmel, 2006). Na confluência desses dois conceitos, espaço público e sociabilidade, situa-se a noção de sociabilidade pública. Conforme argumentamos neste estudo, essa noção pode ser concebida como um código comportamental de convivência, intrinsecamente ligado às trocas individuais, interpessoais e coletivas que ocorrem cotidianamente nos espaços públicos urbanos (Felix de Souza, 2020).

Sempre que nos utilizamos desses espaços urbanos, como ruas, calçadas, praças e parques, estamos constantemente em interação com uma diversidade de pessoas. Em outras palavras, nos espaços públicos, todas as nossas ações, comportamentos, gestos, práticas, atividades e presenças são mediadas pelas interações sociais com desconhecidos. Nesses locais, onde indivíduos e grupos variados se reúnem, e onde interesses divergentes “disputam” e “compartilham” os mesmos ambientes, manifesta-se aquilo que Georg Simmel (2006) denominava o “jogo da sociedade”: um conjunto de “normas” que delimita e condiciona os comportamentos, ações e práticas dos “jogadores”, ou seja, das pessoas em interação. A sociabilidade, argumenta, cria contextualmente um modelo sociologicamente ideal no qual a diversidade individual e coletiva é temporariamente relativizada para que todos possam interagir como iguais. Essa suspensão momentânea das personalidades individuais, característica inerente ao fenômeno da sociabilidade, não deve, entretanto, ser qualificada como uma relação social falsificada: “O “jogo da sociedade” não é uma mentira, assim como não o são o jogo e a arte, com todos os seus desvios da realidade [...]” (Simmel, 2006, p. 71).

Vale ressaltar que a argumentação aqui não é pela preeminência da massa sobre o indivíduo, nem pretende abordar as consequências desse contraste. É indiscutível que muitas características divergem ao se discutir indivíduo e massa, no entanto, o núcleo da questão delineada reside na relação entre indivíduos e entre estes e seu meio. Defende-se a possibilidade de utilizar essa disseminação de valores e comportamentos, bem como características comuns compartilhadas e reafirmadas positivamente, sem, contudo, descartar as particularidades intrínsecas a cada indivíduo que o constituem como tal e moldam sua vida particular.

Conforme Simmel, “[...] o indivíduo é pressionado, de todos os lados, por sentimentos, impulsos e pensamentos contraditórios [...]” (SIMMEL, 2006 [1917], p. 40) e essa pressão compromete a tomada de decisões, a análise objetiva e a definição de metas. Em contraponto, “às ações das sociedades teriam um propósito e uma objetividade muito mais definidos” (SIMMEL, 2006 [1917], p. 40). Portanto, enquanto os indivíduos desfrutariam de uma liberdade extrema em suas escolhas e decisões, os grupos sociais seguiriam certas orientações, que, embora sujeitas a alterações, permaneceriam fiéis e coerentes a si mesmas. Segundo o autor, “os objetivos do espírito público, de uma coletividade em geral, correspondem àqueles que o indivíduo deve apresentar para si mesmo como os mais fundamentalmente

simples e primitivos" (SIMMEL, 2006 [1917], p. 41). Tal premissa sugere que, mesmo diante da possibilidade de desvirtuação dessa "condução pública", ela pode operar como uma guia para aquelas características gerais, funcionando como um certo controle social ao disseminar valores comportamentais positivos relativos à ética, ao respeito ao próximo e ao bem comum, bem como à cidadania.

Por essa razão, desenvolvemos determinados códigos comportamentais que se alteram e se transformam ao longo do tempo e diferem significativamente entre diversas culturas, sociedades, nacionalidades, etnias, grupos, classes sociais e contextos geográficos. Para Georg Simmel (2006), a cortesia evoluiu para se tornar um dos delineadores comportamentais essenciais da vida social em geral e da vida pública em particular: "um comportamento específico da sociabilidade é a cortesia, pela qual o forte e o extraordinário não apenas se equiparam aos mais fracos, mas também agem como se o fraco fosse o mais valioso e superior" Georg Simmel (2006, p. 70-71).

Portanto, assim, podemos compreender a sociabilidade pública, os códigos comportamentais de convivência característicos dos espaços públicos, como um vasto sistema de comportamentos, derivado de um conjunto de ideias, princípios e valores essenciais às sociedades republicanas e democráticas: cortesia, civilidade, polidez, urbanidade, cidadania e cosmopolitismo. Nos espaços públicos, onde indivíduos e grupos diversos compartilham os mesmos espaços, origina-se um processo de coexistência espacial onde se desenrola o jogo socioespacial da vida pública (Gomes; Ribeiro, 2020). Nesse contexto, podemos afirmar, como argumentava Georg Simmel, que há uma natureza democrática no rito da sociabilidade. Inspirado no princípio kantiano de que todos os direitos e deveres dependem de uma justa medida da liberdade e da igualdade em coexistência, a isonomia, Simmel (2006) sustenta que só se pode satisfazer o "impulso sociável" dos indivíduos e grupos quando os agentes envolvidos nesse processo de interação compartilham determinados códigos de convivência; trata-se, pois, daquilo que denominamos neste artigo de sociabilidade pública.

Resultados/discussões

7.1 Conhecendo o Ibura

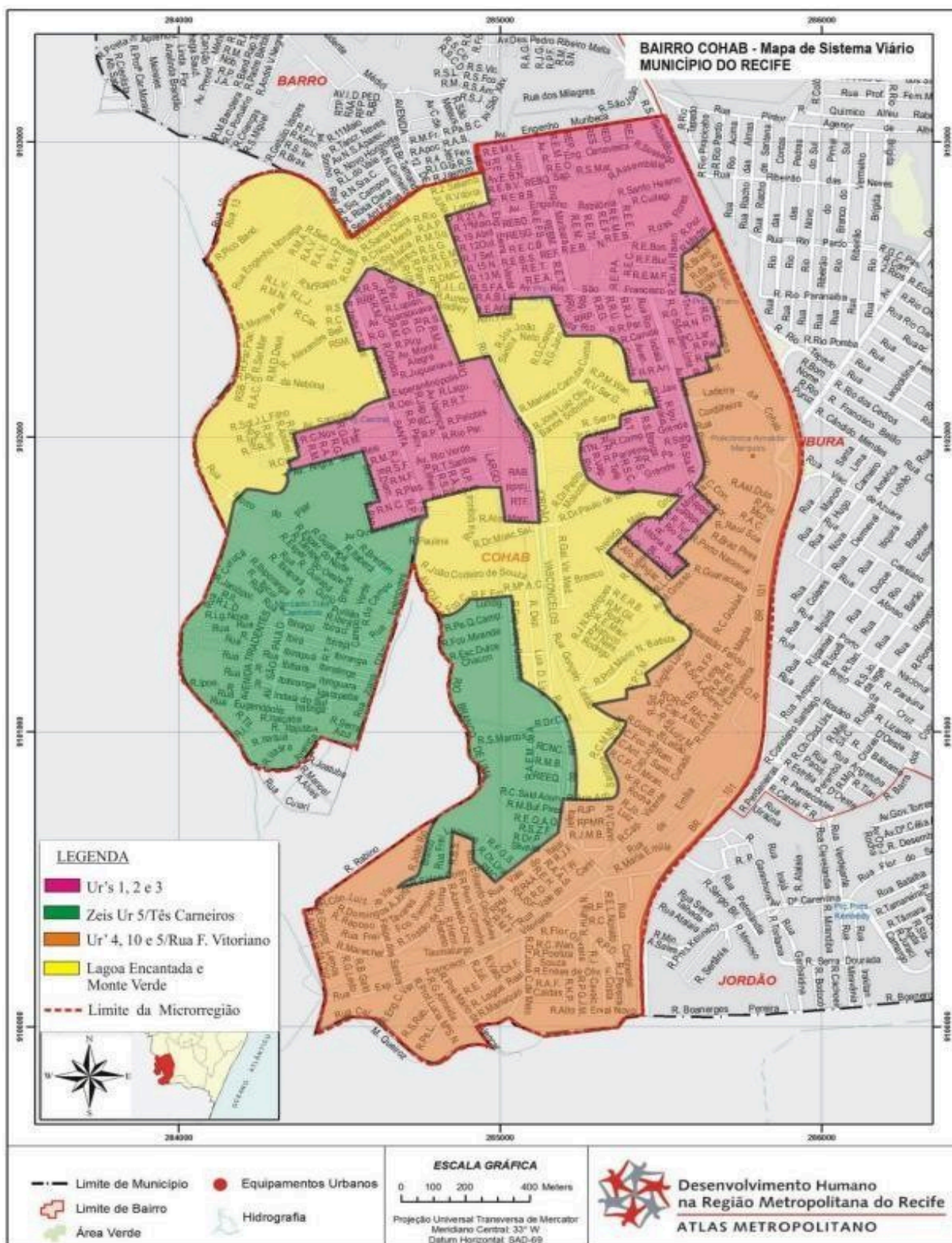
Localizado na Região Metropolitana do Recife (RMR), o bairro do Ibura é formado por um conjunto de comunidades que integram uma área residencial de famílias de baixa renda, localizada na zona Sul da cidade. Terceiro maior bairro do Recife, o Ibura ("água que arrebenta", ou "nascente de água", em tupi) é intimamente ligado às águas desde antes de sua fundação. Suas 21 vilas, entre elas, as famosas Unidades Residenciais (URs), foram construídas pela COHAB para abrigar moradores afetados principalmente pela cheia que atingiu a cidade em 1966.

Sua história remonta ao século XIX ao passo que onde hoje se situa o bairro do Ibura existia o Engenho Ibura. Com uma área territorial de 1.019 hectares, o bairro se divide nas Unidades Residenciais (URs) pertencentes à área conhecida como Ibura de Cima (mais ao Oeste) e o Ibura de Baixo (mais ao Leste) em que se situa a Vila do Sesi (IBGE, 2014).

O Ibura de baixo assim como sugere a denominação é marcada pela distinção topográfica que efetivamente demarca as duas áreas, notavelmente caracterizadas por uma barreira acentuadamente íngreme, que isola as URs das demais comunidades situadas no Ibura de Baixo. As URs integram uma região geograficamente por morros e ladeiras, onde aclives e declives então constantemente propensos a erosão e deslizamentos, particularmente intensificados pelo regime chuvoso intenso, comum entre abril e junho, e intensificado pelo progresso do desmatamento de sua vegetação nativa, resultado da intervenção socioespacial do processo de ocupação.

O bairro é um espaço urbano heterogêneo, onde coexistem um núcleo comunitário antigo e tradicional, conjuntos habitacionais dos anos 60 e outros mais recentes, além de áreas de invasão caracterizadas pela típica urbanização de comunidades, criando contrastes sociologicamente significativos. Trata-se de uma área urbana diversificada, constantemente em conflito por território, por sobrevivência em atividades econômicas e por laços afetivos. Esse contexto conforma um estilo de vida que, em termos gerais, pode ser descrito como a resistência da pobreza frente à exclusão, englobando, por vezes, a criminalidade.

Figura 2 - Mapa de localização do Ibura de Cima (Cohab), Recife - PE



Fonte: Prefeitura do Cidade do Recife (2023). Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/ibura?op=ODU=>. Acesso em: 21 mai. 2025.

As características mais distintivas do bairro do Ibura derivam de sua história relativamente recente. Desde a década de sessenta do século passado, o Ibura foi selecionado como local para a construção de habitações populares, principalmente através do programa governamental conduzido pela Companhia de Habitação de Pernambuco (COHAB). Contudo, o Ibura de Baixo possui uma história de ocupação ainda mais antiga, vinculada ao crescimento urbano da cidade e à formação de vilas e assentamentos. Nas publicações das associações de moradores das comunidades do Ibura de Cima, a UR-1 e Três Carneiros Alto, esse passado histórico é frequente mencionado (Etapas, 1991; 1993) em que buscam preservar a memória dos residentes mais antigos, destaca-se a atenção para o fato de que, na década de sessenta, a área era predominantemente uma "mata", que acolheu inúmeras pessoas que perderam suas moradias devido às enchentes, particularmente a devastadora cheia de 1966, nas regiões mais baixas da cidade.

Das histórias particulares de ocupação das diversas comunidades, emergem fatores que conferem à vivência comunitária no bairro do Ibura uma singular pluralidade de experiências. Essas vivências são moldadas pela interação entre parentes e amigos, que se entrelaçam em diferentes processos de ocupação da terra e na formação de relações específicas com administradores públicos e proprietários de maior prestígio econômico. É importante ressaltar que, apesar das narrativas únicas de cada comunidade, o estabelecimento das URs, impulsionado pelo investimento governamental no setor habitacional e pela transferência de populações para esta área, distante do centro de Recife e da orla marítima, constitui o eixo central para a construção de uma realidade social e cultural particular a essa parte da cidade.

7.2 Desigualdade do espaço urbano recifense: áreas de lazer

Este tópico visa explorar o impacto das discriminações socioespaciais na distribuição de espaços de sociabilidade, como forma de evidenciar a materialização da presença e da falta de políticas públicas voltadas ao esporte e lazer nas áreas nobres e populares da cidade. A análise foca, em particular, nos espaços públicos de lazer, como praças e quadras que mantêm uma relação direta com as intervenções dinâmicas e paisagísticas realizadas na região.

O bairro do Ibura, assim como outras regiões do Recife, que são majoritariamente ocupadas pelas classes mais baixas, são áreas marcadas [...entre outros aspectos, pela presença de áreas de morros periféricos à planície litorânea, onde emergem questionamentos e conflitos relacionados à insuficiência e precariedade das infraestruturas públicas, como a pavimentação das vias, a ausência ou ineficiência da limpeza urbana; além da ocupação irregular de encostas, morros e Áreas de Preservação Permanente.] (MENDES, MELO e ANDRADE, 2011).

O espaço geográfico, segundo Santos (2015), é concebido como "um conjunto indissociável, solidário e, simultaneamente, contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o cenário único onde a história se desenrola" (SANTOS, 2015, p. 63) Nesse sentido, à medida que as ações se transformam, transformam-se também os objetos, que são continuamente moldados ao longo do tempo pela articulação dos agentes sociais, políticos, econômicos e culturais. A atuação desses diferentes agentes se manifesta de formas diversas nos distintos lugares.

Conforme Santos (2015, p. 380), os bairros tradicionais habitados pelas classes dominantes, como Derby, Madalena, Torre, Graças, Espinheiro, Aflitos, Tamarineira, Casa Forte, Jaqueira, Poço da Panela e Apipucos, foram destinatários de investimentos mais substanciais em serviços públicos urbanos.

A histórica desigualdade socioeconômica de Recife também se manifesta no acesso ao lazer, dessa forma, parques e praças na capital de Pernambuco estão distribuídos de forma desigual, concentrando-se majoritariamente em áreas habitadas por populações de alta renda e predominantemente brancas. Em contraste, os espaços que fogem a essa norma frequentemente padecem de falta de manutenção e abandono.

Já no âmbito específico deste estudo, o bairro do Ibura, situado na microrregião da zona sul, distingue-se por sua configuração topográfica circundado pelos morros que envolvem a planície flúvio-marinha (PCR, 2018). Região que abriga uma população mais carente, caracterizada por uma notável escassez de espaços de lazer e infraestrutura adequada. Denota o contraste entre realidades distintas, com demandas e dinâmicas diferenciadas na paisagem urbana, emerge a marginalização das microrregiões, um reflexo direto das disparidades sociais enraizadas.

As intervenções paisagísticas configuram-se como abordagens distintas e integrantes, destinadas a promover a revitalização estética e funcional dos espaços públicos nos bairros. A exemplos das praças inseridas nas cidades contemporâneas que desempenham um papel intrínseco no contexto urbano, tornando-se objetos de estudo de grande relevância devido à sua presença marcante na composição dos espaços públicos. Este destaque deve-se, em parte, à sua diversidade, ao uso frequente por parcelas significativas da população mais carente, e ao evidente descaso do poder público em relação a elas (Gomes; Soares, 2004). As praças configuram-se como exemplares cruciais das áreas verdes urbanas, pois, por serem de tamanho delimitado, conseguem se distribuir por diversos bairros sem comprometer sua funcionalidade. Ademais, elas contribuem significativamente para a melhoria da qualidade de vida local, promovendo benefícios à saúde física e mental da população, além de auxiliar na purificação do ar.

Todavia, no panorama dos espaços públicos destinados a lazer e socialização, como parques urbanos, atualmente, a cidade do Recife dispõe de onze parques urbanos, dos quais a maioria encontra-se concentrada na zona norte, ao longo das margens do Rio Capibaribe. Observa-se que oito desses onze parques, incluindo o Parque da Macaxeira, Parque de Apipucos, Sítio da Trindade, Parque da Jaqueira, Parque do Caiara e Parque Santana, estão situados nessa região da cidade (Figura 1). Apenas um parque se localiza na área central (Parque 13 de Maio), enquanto três parques estão na zona sul (Lagoa do Araçá, Parque Santos Dumont e Parque Dona Lindu).

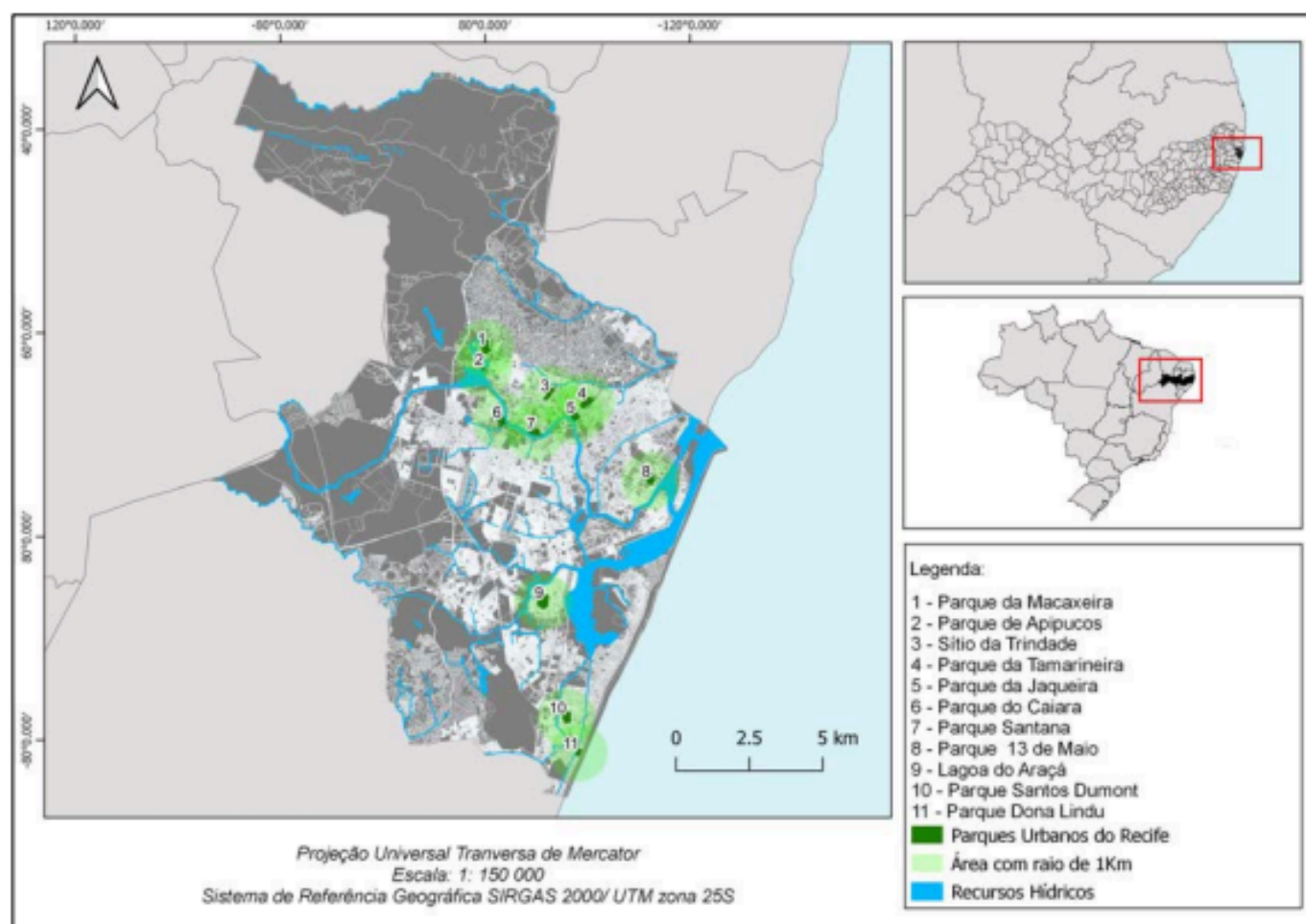


Figura 3 - Mapa de localização dos parques urbanos do Recife

Fonte: Bezerra, Silva e Silva, (2022, p.5)

Segundo Bezerra, Silva e Silva, em uma pesquisa sobre parques urbanos e injustiças socioespaciais na cidade do Recife, a distribuição desigual dos parques urbanos em Recife torna-se evidente ao analisar as Regiões Político-Administrativas (RPAs) da cidade (Figura 4). Nota-se que a maior concentração de parques urbanos está na RPA 3. Além disso, observa-se que os parques não se expandem para o extremo norte do território municipal, uma área caracterizada por menores índices de renda da população (Figura 5). Nas RPAs 2 e 5, não há a presença de nenhum parque urbano, enquanto nas RPAs 1 e 4 encontra-se apenas um parque urbano em cada. A quantidade e a distribuição de praças e parques revelam uma organização espacial que favorece determinadas regiões em detrimento de outras, refletindo e reforçando as desigualdades socioeconômicas existentes na cidade.

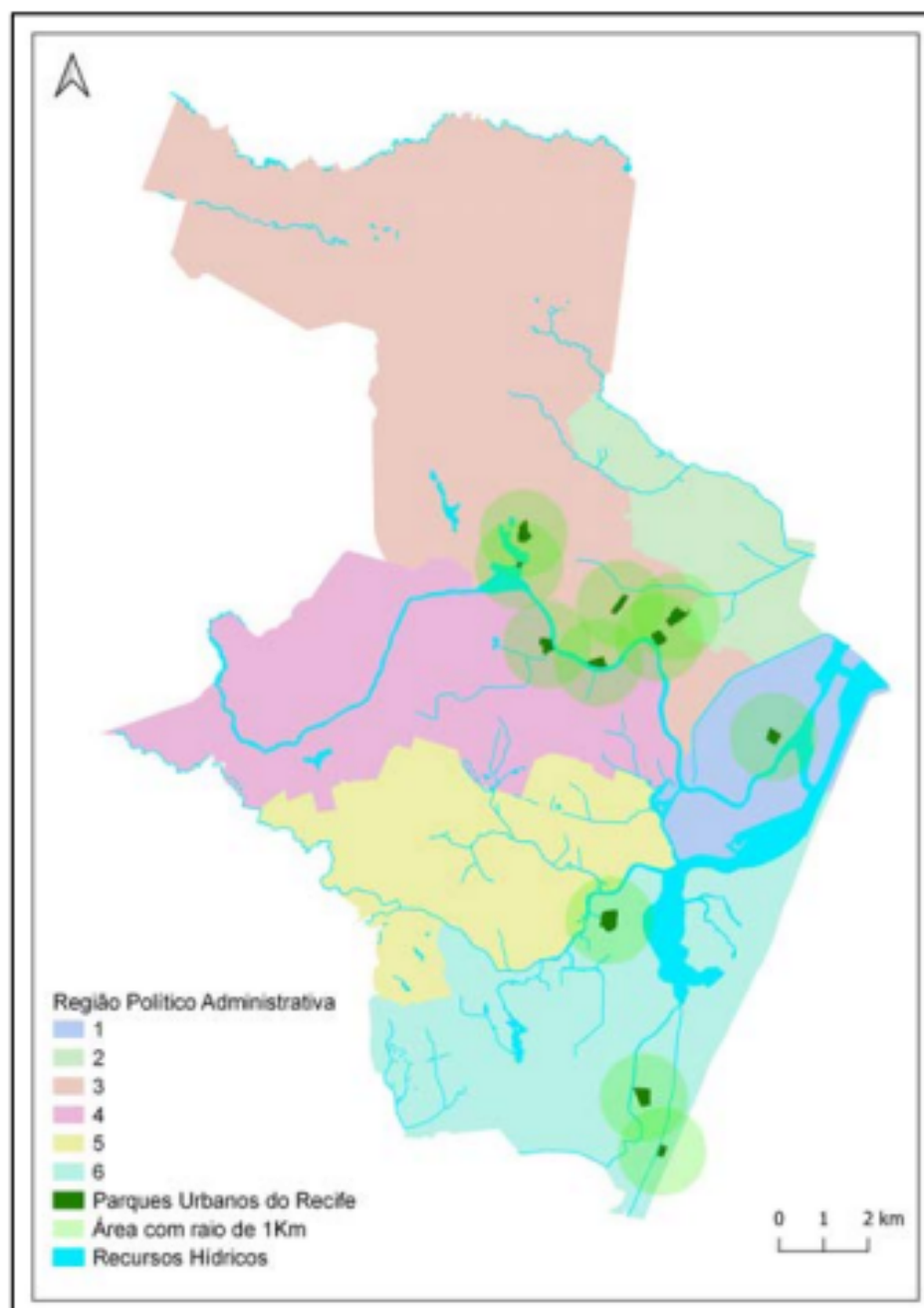


Figura 4 - Regiões político administrativas do Recife em relação a localização dos parques urbanos

Fonte: Bezerra, Silva e Silva, (2022, p.8)

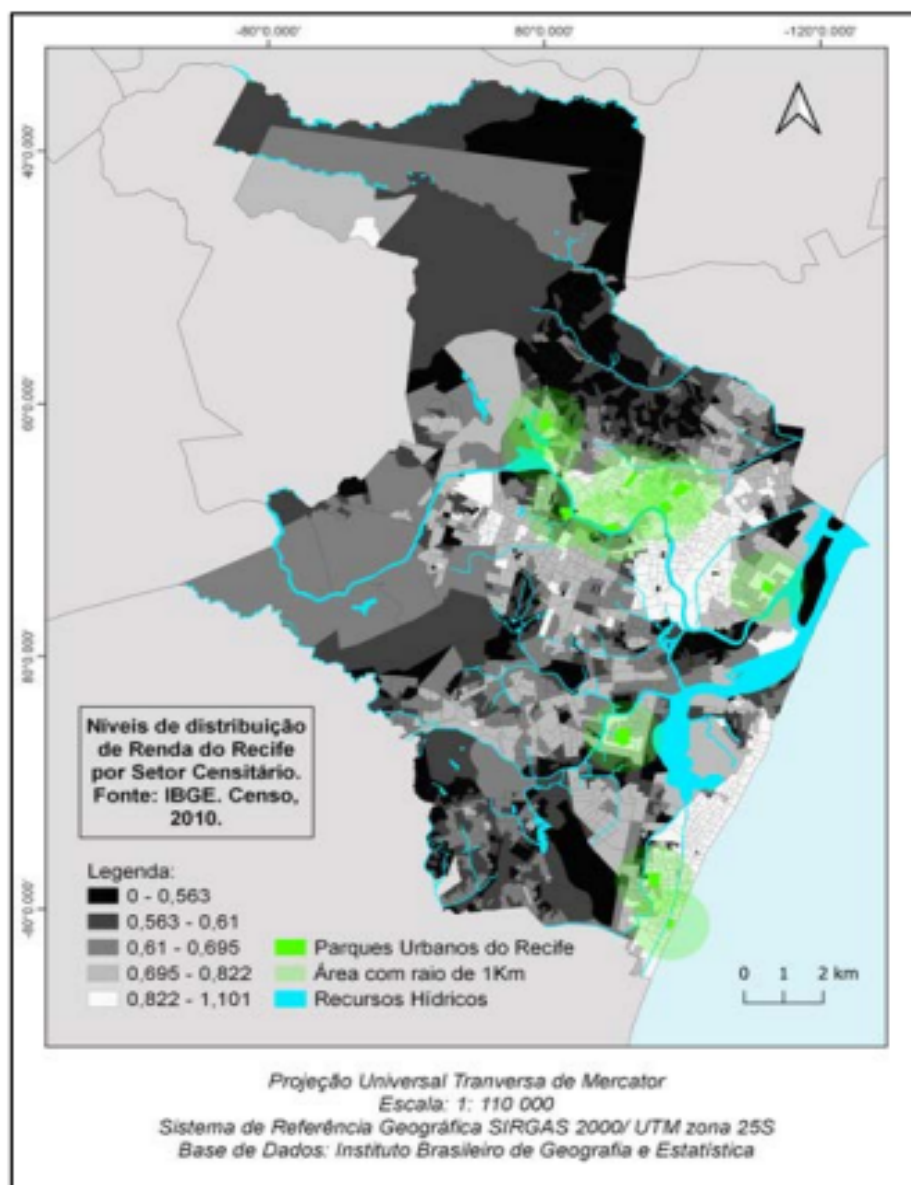


Figura 5 - Variação de renda em relação à localização dos parques urbanos

Fonte: Bezerra, Silva e Silva, (2022, p.8)

Segundo o estudo, na maioria desses espaços, uma porção significativa ou predominante dos frequentadores reside a mais de 1,6 mil metros de distância. Em outras palavras, aqueles que não habitam as imediações desses locais não deixam de usufruir de suas funcionalidades, porém, são frequentemente obrigados a percorrer longas distâncias para acessá-los, o que ressalta a ausência de outras opções de espaços de lazer e prática esportiva distribuídas pela cidade.

Dessa forma, observa-se que as populações de maior renda e nível educacional encontram-se em maior proximidade desses equipamentos coletivos destinados à promoção do lazer e bem-estar. Os estudos apontam que, em um primeiro momento, esses espaços foram estrategicamente implantados nas áreas mais densamente povoadas da cidade, como é o caso do Parque 13 de Maio, situado na Boa Vista, o primeiro a ser inaugurado em 1939. Essa lógica de priorizar as regiões mais valorizadas perpetuou-se ao longo do tempo.

O limitado acesso aos parques urbanos pela população de menor renda evidencia a negação de uma das dimensões fundamentais do direito à cidade, culminando em um processo de injustiça socioespacial. O conceito de (in)justiça social relaciona-se com a distribuição e utilização do espaço em escala regional, refletindo no uso de equipamentos públicos e no acesso a bens e serviços urbanos. Dessa forma, a construção da justiça socioespacial torna-se imprescindível para a efetivação do direito à cidade (CATALÃO, 2013; SOJA, 2010; APARICIO, 2017; LEFEBVRE, 2001).

A discrepância na distribuição de espaços de lazer também podem ser observadas a partir dos dados da distribuição de praças públicas nos bairros presentes na RPA que envolve o nosso recorte. Segundo dados fornecidos pela Prefeitura do Recife, 19 dos 94 bairros da cidade carecem completamente de parques ou praças. Dentre esses, destacam-se apenas dois bairros considerados "nobres": o Espinheiro, situado na Zona Norte, e a Ilha do Retiro, localizada na Zona Oeste.

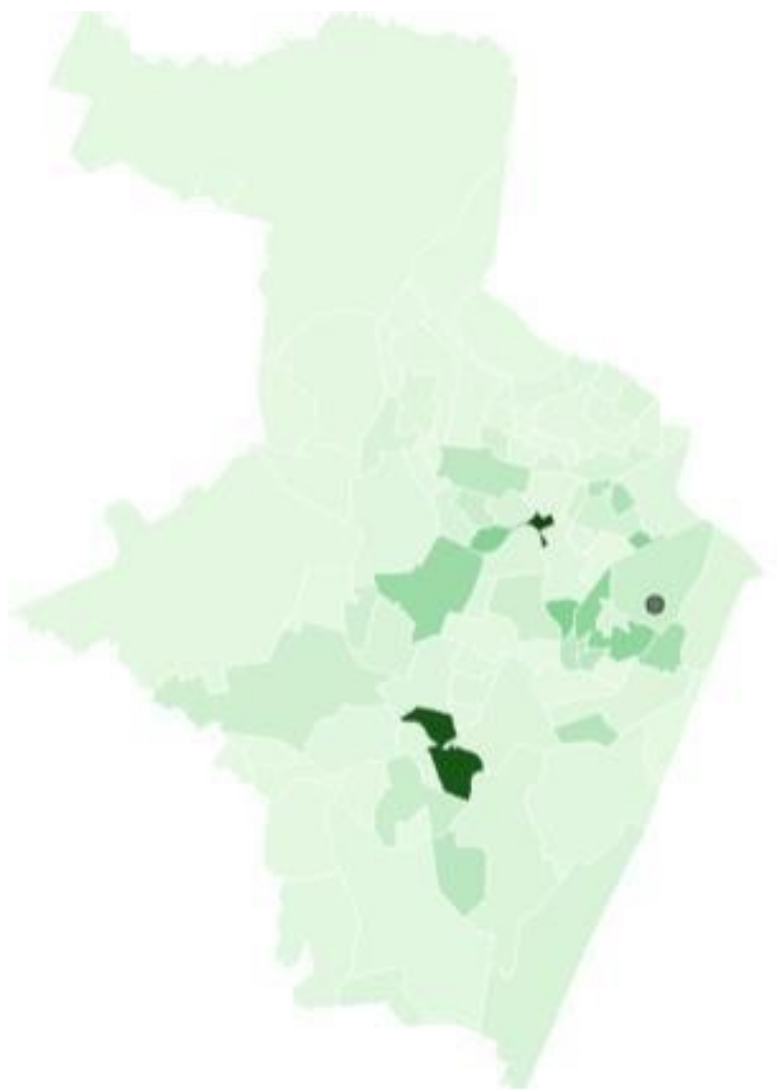


Figura 6 – Mapa da desigual distribuição de praças públicas nos bairros presentes na RPA.

Fonte: Prefeitura do Recife. Dados: Jornal do Comércio, 2023.

Assim, torna-se evidente a existência de uma seletividade espacial no desenvolvimento de áreas públicas de lazer na cidade. Bairros com maior desenvolvimento econômico e social tendem a receber mais investimentos em infraestrutura e lazer, enquanto as regiões periféricas ou populares, em sua maioria, dispõem apenas dos serviços mais básicos. Dessa forma, o espaço urbano de Recife revela uma desigualdade socioeconômica evidenciada por diversos indicadores como o índice de Gini, que o classifica como uma das capitais mais desiguais do Brasil. De acordo com o Instituto Cidades Sustentáveis (ICS), que analisa a desigualdade social nas capitais brasileiras, Recife ocupa a segunda

posição no Mapa da Desigualdade entre as Capitais Brasileiras, sendo superada apenas por Porto Velho, capital de Rondônia. Essa desigualdade se manifesta tanto no perfil construtivo dos diferentes bairros quanto na distribuição desigual dos serviços públicos, bem como no acesso desigual da população aos equipamentos urbanos.

Tal fragmentação permeia o espaço urbano. Nos estudos de Carlos (2007), ressalta-se a importância da consciência urbana no enfrentamento desse processo, a qual só pode ser alcançada através da vivência cotidiana, essencial para a superação das necessidades impostas. O reflexo desse processo nas configurações comunitárias manifesta-se no desenvolvimento do desejo de reconfigurar um "espaço vazio ou esquecido", que integra a rotina dos habitantes, tornando-se, assim, um elemento crucial nas reivindicações por transformação e requalificação do espaço urbano.

Na configuração do bairro Ibura, há um total de 71 praças e quadras, distribuídas pelo Ibura de cima (Cohab) e Ibura de baixo. Em informações mais próximas às vivências dos moradores do bairro do Ibura, nas entrevistas de campo revelaram que, ao serem questionados sobre a presença de áreas de socialização, como praças, parques e quadras, a maior parte dos entrevistados afirmaram que tais equipamentos urbanos estão presentes no bairro. Contudo, os dados que indicam a presença desses espaços coexistem com a alegação de que, embora existam, são poucos. Isso sugere que tais espaços, possivelmente, não são centralizados.

Onde você mora há pontos adequados de sociabilidade, como praças/parques, quadras (áreas de lazer)?

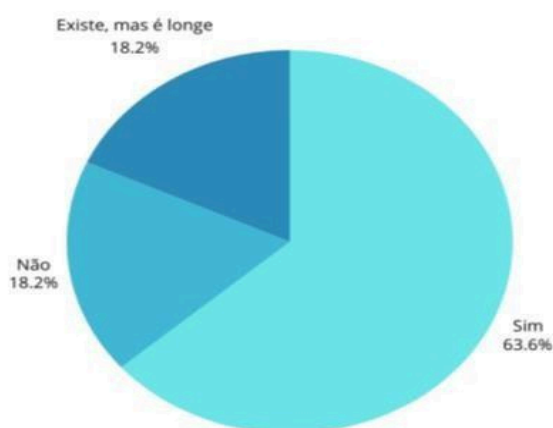


Gráfico 1. Fonte: Trabalho de campo (2024).

Figura 7 - Praça e Academia da cidade, Ibura, UR-1.



Fonte: Autora, (2024).

Figura 8 - Praça, Ibura, UR-1



Fonte: Autora, (2024).

Figura 9 - Praça e Academia da saúde, UR-5



Fonte: Google Earth, (2024).

Diante disso, foi perguntado aos moradores se foi possível perceber

mudanças na questão de espaços destinados a lazer/esportes no bairro no decorrer dos anos. No que 81,8% responderam que sim. Dentre as mudanças mais citadas foi na questão da melhoria desses espaços, e a revitalização de ambientes mais adequados e abertos para a população. Outra mudança bastante citada foi a criação do novo COMPAZ (Centro Comunitário da Paz), que foi muito bem recebido pela população. Porém, uma das críticas foi a retirada de uma das quadras que era bem frequentada e que tinha bastante jovens praticando esportes, para fazer uma praça. Já 18,2% disseram que não houve nem um tipo de mudança.

Você percebeu mudanças na questão de espaços destinados a lazer/esportes no bairro no decorrer dos anos? Se "Sim", quais?

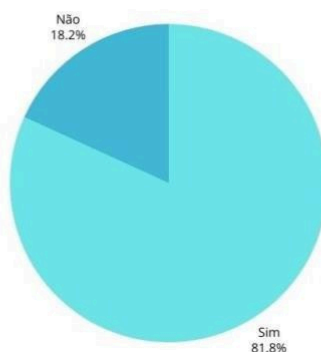


Gráfico 2. Fonte: Trabalho de campo (2024).

Embora os longos anos de abandono estrutural de muitas comunidades, conforme apontado anteriormente, observa-se, no bairro do Ibura, um recente movimento de ressignificação espacial. Esse movimento tem sido marcado pela presença de diferentes equipamentos urbanos voltados ao lazer e a maior socialização da população, embora esses equipamentos urbanos estejam longe de terem uma distribuição igualitária no espaço urbano do bairro, permite novas experiências emocionais e oportunizam construir memórias, pertencimentos, significados, e qualificar os lugares, sendo, portanto, parte de nossas histórias.

Assim, as ações de intervenções paisagísticas que tem atuado recentemente no bairro têm adquirido o caráter de questionamento e reivindicação por uma gestão mais eficaz da paisagem e dos espaços públicos das comunidades, reivindicando maior eficiência da atuação estatal na construção e revitalização de novas quadras, parques e praças. Tal movimento pode estimular

novos usos dos espaços públicos e promover o envolvimento dos grupos locais na gestão de seu próprio território.

7.3 Impactos na percepção espacial e afetiva dos moradores do Ibura

A etapa final desta pesquisa dedica-se à análise dos resultados provenientes do contato direto com os moradores, explorando a opinião dos moradores por essa pesquisa, por meio de seus relatos, a fim de compreender o fenômeno a partir da perspectiva daqueles que vivem o cotidiano do bairro. Esses relatos enriquecem a reflexão teórica e crítica até então desenvolvida. Ademais, esta parte da pesquisa é estruturada na questão do espaço/lugar relacionada às emoções e aos sentimentos que este espaço/lugar desperta, e a como estas emoções e sentimentos podem ser modelados através da estrutura e dinâmica da cidade.

Este subtópico, centra-se a atenção na emoção de medo e nos sentimentos de risco e insegurança que permeiam e modulam as memórias dos habitantes e frequentadores do bairro do Ibura. Tais memórias, que carregam informações acerca do entorno, são evocadas nos participantes deste estudo e ganham sentido nos relatos expressos durante as entrevistas, as quais constituem os delineamentos desta pesquisa. Nesse contexto, problemas urbanos, tais como o descaso político-social, a violência, a deterioração da infraestrutura e a degradação ambiental, que por anos perduraram no bairro sem a assistência governamental, estão gravados nas memórias afetivas dos moradores e frequentadores. Esses fenômenos ferem a "pele" da cidade, imprimindo cicatrizes que distorcem os afetos nutridos por ela.

Entre os inúmeros problemas que emergem, destacam-se diversos sentimentos de caráter negativos. Um exame mais detalhado permite apontar alguns elementos relevantes, os quais configuram o ambiente de medo, risco e insegurança retratado pelos habitantes da área. Quando perguntado aos moradores sobre qual a primeira coisa que eles pensam ao se falar no Ibura, a violência constitui um ponto de bastante inquietação por parte dos moradores. Para Rebecca (estudante), "é a falta de segurança". Para Jessica (cantora), "o medo da violência". Para Sarah (estudante), "é a violência das ruas". Segundo Beatriz

(fotógrafa) “são a insegurança e os assediadores”. Para Dayanne (lojista) “a falta de segurança e a falta de policiamento”.

Embora a violência seja um fenômeno recorrente nesta região como um todo, ela se manifesta de forma mais acentuada em determinadas áreas específicas do bairro. O bairro do Ibura continua a ser marcado pela presença de diversos pontos de tráfico, um fato que contribui, de maneira significativa, para o sentimento de medo e insegurança.

Quanto aos principais problemas relacionados à infraestrutura do Bairro, destacam-se os depoimentos de: Nathália (estudante), que relata “lugares inapropriados para habitação por serem em locais de risco, principalmente durante a chuva, e áreas com muitos pontos de alagamento.”; Luciana (vendedora), que destaca a ineficácia da estrutura existente para o escoamento da água da chuva, “quando chove as ruas inundam facilmente e o transtorno no trânsito no dia a dia que se intensifica quando chove”.

Os principais problemas urbanos levantados pelos participantes da pesquisa estão relacionados a falta de infraestrutura, os transtornos no trânsito que se intensificam quando chove, os muitos pontos de alagamentos que bloqueiam uma das principais saídas do bairro, os engarrafamentos constantes e os desabamentos de morros e áreas de risco.

Em seguida, serão discutidos os principais problemas urbanos destacados pelos participantes da pesquisa, bem como seus impactos sobre as memórias consolidadas e, por extensão, sobre o equilíbrio e a qualidade de vida dos habitantes e usuários do bairro.

Quando perguntados quais sentimentos eles mais associavam ao Ibura, a ansiedade, estresse, nostalgia e tristeza constituem um ponto de bastante inquietação por parte dos frequentadores do bairro. De acordo com Izquierdo (2011), as emoções, os estados de humor, a ansiedade, o estresse e o nível de alerta têm grande influência sobre as memórias humanas. Quando uma pessoa está pouco alerta ou excessivamente estressada, a formação de memórias é prejudicada. De maneira similar, altos níveis de ansiedade podem levar ao esquecimento de informações recém-adquiridas. Já alguém que esteja estressado no momento de recordar algo pode enfrentar dificuldades para acessar suas memórias. Por outro lado, um indivíduo em estado de alerta tende a lembrar com mais facilidade. Isso demonstra que diferentes sistemas moduladores afetam,

positiva ou negativamente, os processos relacionados às memórias humanas. (IZQUIERDO, 2011). Ou seja, sentimentos como ansiedade, estresse e tristeza tem papel fundamental na modulação das memórias e sentimentos humanos, e é influência direta da experiência negativa que cada pessoa tem em determinada situação e/ou ambiente. Cada experiência da vida, especialmente aquelas vinculadas a problemas sociais, é acompanhada por algum grau de emoção, por menor que este seja.

A tabela a seguir evidencia na primeira coluna a pergunta aplicada aos entrevistados; na segunda, a classificação dos problemas por categorias; e, na terceira, a tabulação geral das respostas obtidas. Esta parte da pesquisa é estruturada na questão do espaço/lugar relacionada às emoções e aos sentimentos que este espaço/lugar desperta, e a como estas emoções e sentimentos podem ser modelados através da estrutura e dinâmica da cidade. Com o intuito de compreender as complexidades das dinâmicas observadas na comunidade do Ibura expondo principalmente a atuação dos espaços de socialização e a cidadania paisagística como maneiras de apropriação dos espaços urbanos da cidade, para enfrentar os problemas urbanos que os atingem.

Tabela 1 - Problemas identificados pelos inquiridos a partir das perguntas do questionário

Pergunta	Problemas	Aspectos Identificados
Ao se falar no Ibura, qual a primeira coisa que te vem à mente?	Falta de infraestrutura (14)	Alagamentos (5); engarrafamento (5); habitações em área de morro (4)
	Insegurança (8)	Medo/violência (6); falta de policiamento (2)
	Descaso político (3)	Descaso público (3)
Na sua opinião, quais os principais problemas do Ibura?	Violência (9)	Medo/Insegurança (5); falta de policiamento (4)
	Degradação da Infraestrutura (22)	Moradias em áreas de risco (5); falta de saneamento (4); alagamento (3); falta de energia (3); trânsito (3); falta de água (2); calçadas/ruas esburacadas (2); falta de ciclovias (1); assédio (1)

Qual o lugar que você gostaria?	Planejamento/ Infraestrutura (16)	Trânsito organizado (4); mais lugares de lazer (3); sem alagamentos (3); saneamento básico (2); limpo (1); sem poluição visual (1); moradias adequadas (1); mais praças (1)
---------------------------------	--------------------------------------	--

Segurança (7)	Mais seguro/sem medo (7)
Políticas públicas (4)	Saúde de qualidade (2); melhor iluminação pública (1); mais programas governamentais de capacitação (1)

Fonte: Trabalho de campo, 2024.

O sentimento de identificação e pertencimento a um espaço/lugar definido na memória pessoal e/ou coletiva, é consolidado nas memórias dos residentes de uma cidade, resultante de construções de significados e sentidos que são concebidos a este local ao longo de suas experiências. Este processo se inicia com a apropriação do espaço/lugar pelos seus habitantes. Essa apropriação motiva as pessoas a experimentar estes espaços em sua plenitude ao estabelecer uma relação de identificação com ele. Um exemplo acontece quando os habitantes são capazes de cultivar nesses espaços/lugares valores que se assemelham aos seus sentimentos e à sua identidade cultural e simbólica.

Em nossas vivências sociais, tanto as emoções positivas quanto as

negativas, bem como os sentimentos que se seguem a elas, se tornam elementos essenciais e indispensáveis para a sensação de afeto e de pertencer ou não a um espaço ou lugar específico. Muitos problemas urbanos detectados na área do Ibura estão associados a experiências sociais que provocam emoções negativas em seus residentes, provocando a sensação de não pertença ao local, como nos casos de problemas urbanos como falta de infraestrutura, insegurança, descaso político, violência. Essas emoções negativas não somente restringe o uso do espaço urbano, como também impede os habitantes de ‘viverem a cidade’ e, por consequência, de não se sentir pertencente a ela. Essa percepção afeta o desejo de ocupação do espaço, contribuindo para sua deterioração e abandono.

Foi perguntado aos entrevistados se eles já participaram de alguma atividade formativa, cultural ou de lazer/esporte no Ibura, foi possível constatar que a maioria dos entrevistados já participou de algum tipo de atividade cultural e de lazer.

Você já esteve no novo Compaz Paulo Freire ou participou de alguma atividade formativa, cultural ou de lazer/esporte no Ibura?

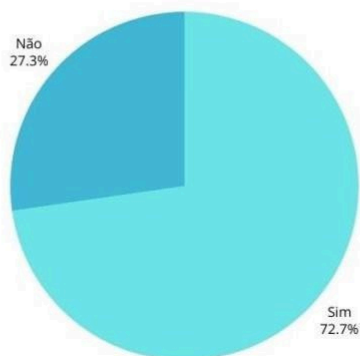
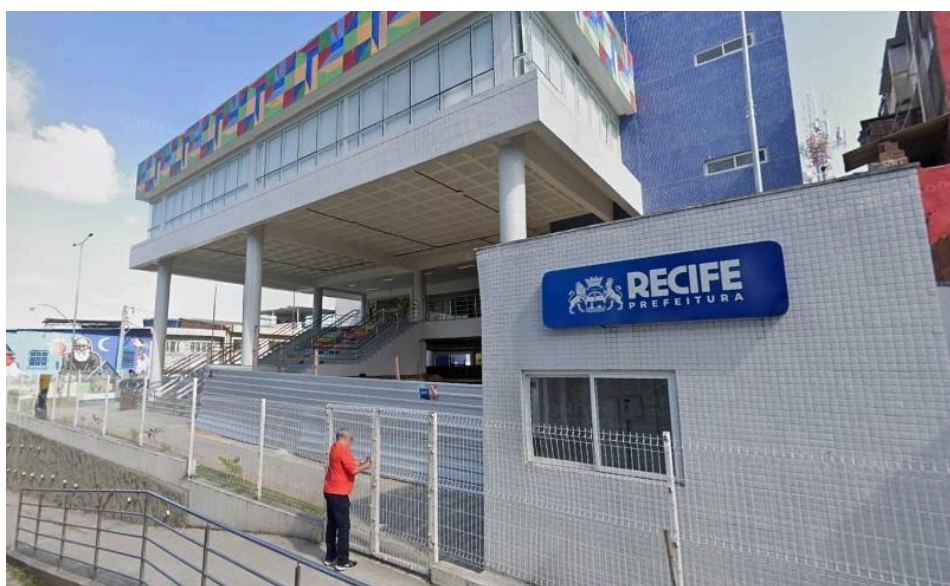


Gráfico 3. Fonte: Trabalho de campo (2024).

Na opinião dos entrevistados por essa pesquisa, dos que participaram de algum tipo de atividade, participar dessas atividades sociais os ajudou em algum ponto na construção de sua identidade ou na sociabilidade. Assim, destacam-se os depoimentos de: Sarah, que relata “Ajuda muito, pois não tenho condições de pagar um esporte e nem aulas de teatro no Compaz tive essa oportunidade. Para crianças e jovens de comunidades como a que eu moro podem aprender com

cursos e interagir com muitas pessoas que normalmente não conversaria.”; Natalia, que destaca “Com certeza, eu sou muito envolvida nas atividades que são oferecidas e foi extremamente importante para me desenvolver como ser humano e como profissional.”, Dayanne relata que “Não, mas acho bem produtivo.”

Figura 10 - Centro Comunitário da Paz Paulo Freire (Compaz), localizado no bairro do Ibura



Fonte: Google Earth (2024)

Um forte exemplo de como espaços de sociabilidade desempenham um papel essencial na construção do bem-estar e do sentimento de pertencimento da comunidade ao espaço geográfico pode ser observado na quadra do Buraco da Gata e seus arredores, situados na comunidade de Três Carneiros Alto, no bairro do Ibura, no Recife. Um espaço que por muitos anos era utilizado como ponto intensivo de vendas de drogas, sofreu uma intervenção de ações governamentais executadas pela Secretaria Executiva de Inovação Urbana, através do programa Mais Vidas nos Morros, que destaca uma iniciativa de cidadania e desenvolvimento sustentável que busca promover o engajamento dos moradores na pintura e nas ações culturais das comunidades, a ação busca integrar os habitantes na criação de soluções ambientais para a cidade (MAIS VIDAS NOS MORROS, 2020).

Através desse projeto foi possível observar uma série de transformações

tanto no espaço físico como no fortalecendo os laços comunitários e nas conexões afetivas entre as pessoas e o ambiente urbano. Segundo alguns moradores dos arredores da quadra do Buraco da Gata, as mudanças tiveram participação dos próprios moradores da comunidade. De acordo com a Prefeitura do Recife as intervenções foram orientadas por um plano de ação construído em cinco reuniões comunitárias e uma oficina de cocriação. A quadra e a arquibancada hoje após a requalificação é um dos lugares mais frequentados pelos moradores da comunidade de Três Carneiros Alto, sendo ponte de várias ações culturais, como podemos observar na Figura 11.

Figura 11 - Quadra do Buraco da Gata, localizada na comunidade de Três Carneiros Alto, no bairro do Ibura, no Recife, depois de ações promovidas pelo programa Mais Vidas nos Morros da Prefeitura da Cidade do Recife.



Figura 11 A - Fonte: Edson Holanda/PCR Figura 11 B - Fonte: Autora, (2024).

Conforme Halley (2014, p. 44), o bairro deve ser entendido não apenas por sua delimitação territorial e suas características físicas e geográficas, mas também como um espaço de interações pessoais e afetivas construídas no dia a dia. A convivência e a socialização são essenciais para a formação de vínculos entre as pessoas e o ambiente, possibilitando a troca de ideias e iniciativas dentro da comunidade, incluindo a (re)apropriação dos espaços públicos.

A sobrevivência do bairro como algo maior a um referencial vazio, malgrado o medo e a insegurança exacerbada, se deve, em grande parte, a essa

sociabilidade, e também a uma simpatia, envolvida em laços de afeição pelo lugar de vivência. (SANTOS JUNIOR; HALLEY, p. 251).

Assim, nas comunidades periféricas, ao superar a visão de um ambiente marcado pelo vazio e pela violência, observa-se o fortalecimento da empatia e do vínculo afetivo com os lugares. Esse processo permite ressignificar as simbologias associadas às experiências vividas pelos moradores.

A partir disso é possível concluir que, o descaso governamental e a violência evocam sentimentos de aversão, falta de identidade e de afeto dos habitantes/usuários com o bairro do Ibura. Por outro lado, a presença de espaços públicos destinados a lazer/esporte inseridos na urbanização possuem um papel de importância no meio espacial e social. Neste ponto, cabe retornarmos aos conceitos de apropriação desses espaços pela população, de modo a compreender que o sentimento de identificação e pertencimento ao espaço/lugar também é algo a ser construído. Ou seja, algo que necessita abandonar a condição passiva, nas esferas pública e privada, para alcançar perspectivas direcionadas à reformulação do espaço/ lugar no qual se vive, como ato de legitimidade e apropriação deste.

Esses diversos desafios urbanos se entrelaçam as emoções, formando um sistema que desencadeia reações negativas em cascata. A contenção e reversão dessas reações só se mostram possíveis mediante a aplicação rigorosa e extensiva de políticas públicas, voltadas a prover os recursos e condições indispensáveis à preservação e manutenção da qualidade de vida dos habitantes e usuários do espaço urbano. Interromper e reverter este processo cíclico de degradação e abandono das cidades e dos equipamentos coletivos destinados à promoção do lazer e bem-estar da população.

8. Considerações finais

A partir da elaboração da pesquisa foi possível compreender como os problemas urbanos atuam como principais fatores no desencadeamento de emoções e sentimentos negativos nos habitantes e usuários do Ibura. O acúmulo de experiências negativas relacionadas a problemas urbanos, como violência e insegurança, gera um sentimento de dessegurança involuntária entre os habitantes. Esse desafio afeta o desejo de ocupação do espaço, contribuindo para sua deterioração e abandono. O estudo propõe reverter esse ciclo através da reconstrução da identificação e pertencimento ao local, substituindo memórias negativas por experiências positivas. É necessário resgatar o sentimento de identificação e pertencimento dos habitantes em relação ao espaço, reconfigurando a percepção da população por novas memórias e experiências positivas. Diante do exposto, ao observar as transformações após a requalificação na quadra e a arquiabancada da comunidade de Três Carneiros Alto, no bairro do Ibura, é possível observar uma série de transformações tanto no espaço físico como no fortalecendo dos laços comunitários e nas conexões afetivas entre as pessoas e o ambiente urbano, visto que o local que antes emanava emoções de medo, risco e insegurança, foi reconfigurado de forma a evocar memórias positivas dos seus habitantes/usuários.

Assim, os habitantes da comunidade de Três Carneiros Alto, ao ocupar esse espaço agora adequado ao lazer e esporte inseridos na urbanização, foi possível transformar o ambiente urbano de maneira que os moradores voltaram a se sentir confortáveis e engajados com o local, reconstruindo, pouco a pouco, uma relação afetiva e de pertencimento com a comunidade.

Os espaços de sociabilidade desempenham esse papel que é essencial na construção do bem-estar e do sentimento de pertencimento da população ao espaço geográfico. São nesses locais, como praças, parques, centros culturais, ruas e mercados, que as interações sociais ocorrem, fortalecendo os laços comunitários e criando conexões afetivas entre as pessoas e o ambiente urbano. A existência de espaços acessíveis e convidativos incentiva a convivência, promovendo encontros entre diferentes grupos sociais e estimulando a diversidade cultural. Quando as pessoas ocupam e se apropriam desses locais, elas desenvolvem uma identidade coletiva, reforçando a sensação de pertencimento à

cidade ou ao bairro em que vivem. Esse vínculo com o espaço é fundamental para o engajamento cívico, a preservação do patrimônio e o fortalecimento da coesão social.

REFERENCIAS

APARICIO, Alejandra Toscana. En busca de la justicia perdida. **Política y Cultura**, v. 4, n. 2, 2017.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEZERRA, Anselmo Cesar Vasconcelos; SILVA, Carlos Eduardo Menezes. SILVA, Maria Aline Lopes. **Parques Urbanos e (in)justiças socioespaciais na Cidade do Recife**: um estudo comparativo entre os parques da Jaqueira e da Macaxeira. IFPE/ ENANPUR 2023.

BEZERRA DA SILVA, Augusto Rodrigo; MACIEL, Caio Augusto Amorim. Entre Emoções E Afetos Na Geografia: **Uma Imersão No Município De Solidão, Pernambuco**. **Revista GeoSertões**, [s. l.], ano 2020, v. 5, ed. 9, 30 jun. 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.56814/geoserto.es.v5i9.1452>.

Disponível
em:

<https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geoserto.es/article/view/1452/pdf>.

Acesso em: 13 abr. 2024.

BOLLNOW, Otto. **O homem e o espaço**. Curitiba: Editora UFPR, 2008 [1963].

BONDI, Liz; DAVIDSON, Joyce; SMITH, Mick. (2007) Introduction: Geography's Emotional Turn. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (Orgs.). **Emotional Geographies**. Farnham: Ashgate, p. 1-16.

BONDI, Liz. (2005) **Making connections and thinking through emotions**: between geography and psychotherapy. Transactions of the Institute of British Geographers, Reino Unido, vol. 30, n. 4, p. 433-448.

CARNEIRO, Ana Rita Sá; MESQUITA, Liana. **Espaços livres de Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/ Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CATALÃO, Igor. Apontamentos sobre direito à cidade e justiça espacial em Curitiba e Brasília. In: Anais... **XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana (Simpurb)**. Rio de Janeiro, 2013.

ETAPAS (1991). UR10, **Lutando Venceremos**. Recife.

FELIX DE SOUZA, Andre. **Sociabilidade pública na cidade do Rio de Janeiro**: uma reflexão geográfica sobre a importância dos espaços públicos para a existência das sociedades republicanas e democráticas. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

FERRARI, Celson. **Dicionário de Urbanismo**. São Paulo: Disal, 2004. (consulta de conceito).

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FURLANETTO, Beatriz Helena. **Paisagem sonora do boi-de-mamão no litoral paranaense**: a face oculta do riso. 212 f. Tese (Doutorado em Geografia). Departamento de Geografia, Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2014.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre; SOARES, Beatriz Ribeiro. REFLEXÕES SOBRE QUALIDADE AMBIENTAL URBANA. **Estudos Geográficos**, v. 77, n. 6, p. 69–69, 2004.

GOMES, Paulo César da Costa. **ESPAÇO PÚBLICO, ESPAÇOS PÚBLICOS**.

GEOgraphia, [s. l.], 30 dez. 2018.
DOI

<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2018.v1i44.a27557>.

GOMES, Paulo César da Costa; RIBEIRO, Leticia Parente. (Org.). **Formas de la sociabilidad**: una geografía de los espacios públicos en Rio de Janeiro. Granada, ES: Ed. Universidad de Granada, 2020.

HAESBAERT, Rogério. 2004. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos

territórios” à multi- territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

HALLEY, Bruno Maia. O bairro e os enredos do lugar. **Geograficidade artigos**.4, n.1, Verão 2014.

HALBWACHS, Maurice. A Expressão das emoções e a sociedade. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. RBSE — **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 8, n. 22, p. 201-218, abril de 2009.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: uma revisão**. Espaço e Cultura (UERJ), v. ed. co, p. 137-147, 2008.

HOLZER, Werther. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 214p. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

JOSEPH, Isaac. Entrevista Sobre a Escola de Chicago, BIB, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://lemetro5.blogspot.com.br/2005/08/entrevista-com-isaac-joseph-para-o-bib.html>>. Acesso em 22 ago 2024.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 15nd edn. Paris: Anthropos, 1974.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e desenho da cidade**. 3 ed. Lisboa: Fundação Calisto Tanzi, 2004.

LEFEBVRE, Henri, 1901 – 1991. **O Direito à Cidade** / Henri Lefebvre; Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. Título original: Le Droit à la Ville. ISBN 978-85- 88208-97-1.

LIMA JÚNIOR, Geraldo Coelho, ZUANON, Rachel. SEE BEYOND **contributions to the project-based practice of sighted and visually impaired students in the context of higher education in Design**. DAT Journal, v. 3, n. 2, p. 203-231, 2018. <https://doi.org/10.29147/dat.v3i2.91>

LINDÓN, Alicia. **De las geografías constructivistas a las narrativas de vida**

espaciales como metodologías geográficas cualitativas. Revista da ANPEGE.v. 4, p. 7-26, 2008.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **O Triunfo do Lugar Sobre o Espaço In: Qual o Espaço do Lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia.** MARANDOLA JUNIOR, Eduardo et. al. (orgs). 1ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PILE, Steve. Emotions and affect in recent human geography. **Transactions of the British Geographers.** NS 35. P. 5-20. 2010.

PRICE, Patrícia L. Place In: **Cultural Geography** . WINDERS, Jamie (org) Coleção: **Wiley Blackwell Companions to Geography.**1ª Ed. Canadá: WILEY-BLACKWELL, 2013.

O Espaços Públicos de Lazer na Promoção da Qualidade de Vida: Uma Revisão Integrativa. LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, 2013. DOI: 10.35699/1981-3171.2013.646. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/646>. Acesso em: 11 jun. 2024.

RECHIA, Simone ; BELTRÁN, Javier Oliveira. **Parques urbanos de Barcelona:** relação entre usos principais e combinados, a diversidade nas formas de apropriação e a segurança. Movimento, Porto Alegre, n. 16, v. 3, p. 181-202, jul./set. 2010.

RELPH, Edward. **As bases fenomenológicas da Geografia.** Geografia, 4 (7), p. 1-25, 1979.

ROSE, Gillian. 1993, **Feminism and geography:** the limits of geographical knowledge Polity Press, Cambridge.

SANTOS, Breno Bittencourt. Impactos da organização social do território nas condições de vida urbana: uma análise do Índice de Bem-Estar Urbana Local na Região Metropolitana do Recife. In: SOUZA, Maria Ângela Almeida; BITON, Jan (org.). **Recife: Transformações na ordem urbana.** 1 ed. Rio de Janeiro: Letra

Capital, 2015.

SANTOS JUNIOR, Lourival Luiz dos.; HALLEY, Bruno Maia. Medos e muros em Casa Forte: Topofobias do Recife. **Revista de Geografia**, (Recife), ano 2018, v. 35, p. 1-18. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/234425/27776>. acessado em 31 de jun de 2024.

SILVA, Joseli. **Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino**. Espaço e Cultura, n. 22, p. 97-109, 2007.

SILVA, Marcia Alves Soares da. **O eu, o outro e o (s) nós: geografia das emoções à luz da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945) e da narrativas de pioneiros da Igreja Messiânica Mundial**. 2019. 303 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

SILVA, Marcia Alves Soares da; GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Sobre o conceito de espaço vivenciado**: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais/On the concept of vivid space1: reflecting the spatialities from emotional experiences. **Geograficidade**, v. 10, n. Especial, p. 153-168, 2020.

SILVA. Marcia Alves Soares da. **Por uma Geografia das Emoções**. GEOgraphia, v. 18, n. 36, p. 99-119, 2016.

SILVA, Marcia Alves Soares da; MARCÍLIO, Bruna Maria Siquinelli. **A Casa E O Habitar: Experiências Emocionais Do Isolamento Social**. Projectare, [s. l.], 10 dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Projectare/article/view/19183>. Acesso em: 12 abr. 2024.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006 [ed. Original 1917].

SOJA, Edward William. **Seeking Spacial Justice**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

SUESS, Rodrigo Capelle.; RIBEIRO, Antonia da Silva Samir. **O Lugar na Geografia Humanista**: Uma Reflexão Sobre o Seu Percurso e Questões

Contemporâneas - Escala, Críticas e Cientificidade. Universidade Federal do Piauí (UFPI), p.12, 2017.

TAHARA, Alexander Klein; DIAS, Viviane Kawano ; SCHWARTZ, Gisele Maria. **A Aventura e o Lazer Como Coadjuvantes do Processo de Educação Ambiental**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 1-12, jan./jun. 2006.

THRIFT, Nigel; DEWSBURY, John-David; (2000) **Dead geographies and how to make them live Environment and Planning D: Society and Space** 18 411–32.

THRIFT, Nige; (1996) **Spatial formations Sage**, London.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço, Tempo e Lugar: Um Arcabouço Humanista**. **Revista Geograficidade**, V.01, nº 01, Inverno 2011. Traduzido por Werther Holzer do original em inglês Space, Time Place: a humanistic frame.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da Experiência**. 1ª ed. – São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005. [1979].

ZUANON, Rachel et al. **Memória, emoções e sentimentos: impactos na percepção espacial e afetiva da área urbana central de Campinas**. DATJournal v.5 n.1 2020, [S. l.],

p. 4-21, 26 mar. 2023. DOI <https://doi.org/10.29147/dat.v5i1.166>.

Disponível em:

<https://datjournal.anhembi.br/dat/article/view/166>. Acesso em: 4 abr. 2024.